



PEPE MUJICA • PAPA FRANCISCO
HUGO CHÁVEZ • ANGELA DAVIS

TESTEMUNHOS DA UTOPIA

expressão
POPULAR

TESTEMUNHOS DA UTOPIA

Pepe Mujica
Papa Francisco
Hugo Chávez
Angela Davis

TESTEMUNHOS DA UTOPIA

1ª edição

EXPRESSÃO POPULAR

São Paulo – 2016

Copyright © 2016, by Editora Expressão Popular

Revisão: *Cecília da Silveira Luedemann e Lia Urbini*

Projeto gráfico, capa e diagramação: *ZAP Design*

Impressão e acabamento: *Cromosete*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

T343 Testemunhos da utopia. / Pepe Mujica, Papa Francisco, Hugo Chaves, Ângela Davis.-- 1.ed.—São Paulo : Expressão Popular, 2016. 87p.

Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>.
ISBN 978-85-7743-280-6

1. José Pepe Mujica - Testemunho. 2. Papa Francisco - Testemunho. 3. Hugo Chaves - Testemunho. 4. Ângela Davis Testemunho. Título.

CDD 320

Catalogação na Publicação: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: junho de 2016

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR
Alameda Nothmann, 806, Campos Elíseos
CEP 01216-001 – São Paulo – SP
atendimento@expressaopopular.com.br
www.expressaopopular.com.br

 [ed.expressaopopular](https://www.facebook.com/ed.expressaopopular)

 [editoraexpressaopopular](https://www.instagram.com/editoraexpressaopopular)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
<i>Miguel Enrique Stédile</i>	
OS ÚNICOS DERROTADOS QUE HÁ NO MUNDO SÃO OS QUE PARAM DE LUTAR	13
<i>Pepe Mujica</i>	
DIGAMOS SEM MEDO: QUEREMOS UMA MUDANÇA REAL DAS ESTRUTURAS	33
<i>Papa Francisco</i>	
O HOMEM NOVO SE CONSTRÓI PELA PRÁXIS.....	51
<i>Hugo Chávez</i>	
AS MULHERES NEGRAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA UTOPIA.....	71
<i>Angela Davis</i>	
SOBRE OS AUTORES.....	85

APRESENTAÇÃO

A palavra “*Utopia*” tanto pode significar uma sociedade imaginária, não existente, quanto um sonho desejado, algo que se tem esperança de alcançar. Provavelmente, sua origem remonta ao livro do filósofo Thomas More (1478-1535), *Sobre o melhor Estado de uma República que existe na nova ilha Utopia*, no qual descreve uma sociedade igualitária num país fictício. Para criar a palavra, More buscou inspiração no idioma grego; *Utopia* significaria “não lugar”, algo que não existe.

Para nós, latino-americanos, é bem conhecida a definição de *utopia* do escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Utopia, portanto, tem este sentido de uma sociedade melhor do que a que vivemos, mais justa e igualitária; ao mesmo tempo que é a sua busca que nos motiva a seguir buscando.

Contraditoriamente, os testemunhos reunidos nesta coletânea não enxergam a *Utopia* como algo distante ou inalcançável. Estes depoimentos têm em comum partirem de pessoas que

avaliam que uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna não pode estar infinitamente distante no horizonte, ela deve ser construída. Desde agora. Portanto, além da mística em construir uma nova sociedade, estes testemunhos estão carregados da prática, da ação concreta, para realizá-la.

Juntamente com a prática, outro eixo constante dos textos são os *valores*. Cada depoimento sugere que não é possível construir uma nova sociedade sem Novos Homens e Novas Mulheres. Sem homens e mulheres que vivenciam outros valores que não sejam os da sociedade capitalista: o consumismo, a concorrência, a competição, o individualismo, a propriedade privada acima da vida. Em especial, nos textos de Pepe Mujica e do Papa Francisco, há ainda a denúncia de como estes valores individualistas ameaçam a própria existência humana, ao colocarem os interesses individuais e de empresas acima do cuidado com o ser humano e com a nossa *casa comum*, o planeta. Os autores nos chamam a atenção para o fato de que nossa civilização vive uma grave crise – não apenas política e econômica, mas também de valores e ambiental. Crises, que colocam em risco nossa própria existência, pela perda do humano como parâmetro e pelo esgotamento acelerado e irracional dos recursos naturais dos quais dependemos para sobreviver.

Como dito, cada testemunho é resultado de uma vivência prática, de uma experiência vivida de luta em busca desta utopia. São todos americanos, três latinos e uma afro-americana. Vindos das periferias das grandes cidades de nosso continente, forjados na luta e refletindo a partir destes lugares: nosso território, nosso povo, nossa luta.

O primeiro texto é de José “Pepe” Mujica. Nascido em Montevideu, capital uruguaia, em 1935, Mujica é de uma família de imigrantes bascos e italianos. Desde a juventude, se envolveu na militância política, inicialmente no Partido Nacional. Nos

anos 1960, com a instalação da ditadura militar no Uruguai, se junta ao Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros (MLN-Tupamaros). Durante a luta armada, foi ferido, preso quatro vezes (tendo conseguido fugir duas vezes da prisão). Seu último encarceramento durou treze anos, entre 1972 e 1985, quando era considerado “refém” do governo, um dos presos que seria executado caso as organizações guerrilheiras retomassem a atividade. Libertado em 1985, construiu o Movimento de Participação Popular e a Frente Ampla. Foi eleito deputado, mais tarde senador e foi também ministro da Agricultura. Foi eleito presidente do Uruguai para o mandato de 2010 a 2015. Mesmo como presidente, viveu de maneira simples em seu sítio, com um velho automóvel dos anos 1980, recebendo apenas 10% de seu salário como presidente, doando o restante do valor para entidades. Seu mandato foi marcado pela defesa da integração latino-americana e dos direitos humanos.

O segundo testemunho foi extraído do programa “Alô, Presidente” que o presidente Hugo Chavez utilizava para dialogar com a população venezuelana pelo rádio e televisão. Em vez de utilizar o programa para promover a própria imagem, como fazem os políticos tradicionais, Chavez utilizava o programa como espaço pedagógico, para elevar o nível cultural e político da sociedade, enfrentando e debatendo temas essenciais. Neste pequeno extrato, justamente, Chavez fala do desafio em se formar o Novo Homem e a Nova Mulher, ao mesmo tempo em que relembra de como se deu sua própria formação humana. Assim como Mujica, Chavez lembra aos mais jovens: entre outras coisas, é preciso estudar para transformar o mundo.

Nascido em Sabaneta, estado de Barinas, na Venezuela, Chavez era o segundo de seis filhos de um casal de professores. Criado com a ajuda da avó e num ambiente modesto, desde cedo cultivou o estudo e os valores na formação humana. Ingressou na

carreira militar nos anos 1970, alcançando o posto de Tenente-Coronel em sua carreira. Porém, foi a conjuntura de lutas e mobilizações venezuelanas que foram determinantes para a formação de seu caráter. Em 1989, uma grande manifestação popular se levantou contra o Presidente Carlos Andrés Pérez. Iniciada de forma espontânea, o protesto contra a situação econômica ganhou proporções massivas e o governo ordenou a repressão da população, o que resultou em 300 mortes, segundo os dados oficiais, e cerca de mil assassinados de acordo com outras fontes. O *Caracazzo*, como foi chamado o levante, e a postura do governo, marcaram definitivamente Chavez, que junto com outros colegas militares decidiram dar um fim ao estado de violência e opressão. Em 1992, cerca de 300 militares liderados por Chavez tentaram derrubar, sem sucesso, o Presidente Pérez. Derrotado, assumiu para si a responsabilidade pelos atos e cumpriu dois anos de prisão. Em 1998, foi eleito presidente e iniciou um mandato marcado por ações sociais, as chamadas *Missões*, pela solidariedade e integração latino-americana, em especial a construção da Alternativa Bolivariana das Américas (Alba) e pelo combate ao imperialismo estadunidense. Faleceu em 5 de março de 2013, vitimado por um câncer.

Assim como Chavez e Mujica, Jorge Mario Bergoglio também cresceu em um bairro modesto. Nascido em 1936, filho de imigrantes italianos que buscaram melhores condições de vida na Argentina, Jorge Mario cresceu entre as partidas de futebol e o trabalho para ajudar a família. Na adolescência, decidiu se tornar padre e ingressou na Companhia de Jesus. Foi Arcebispo de Buenos Aires. Em 2013, tornou-se o primeiro Papa latino-americano e adotou o nome de Francisco, em referência à São Francisco de Assis, santo vinculado à ideia de simplicidade e cuidado com o ser humano e o ambiente. Como Papa, tem se posicionado sobre as questões sociais e buscado a construção

de plataformas com os movimentos sociais. O texto reproduzido aqui é seu discurso no encerramento do II Encontro dos Movimentos Sociais com o Papa Francisco, na Bolívia, em 2015.

A construção de uma nova sociedade passa necessariamente pelo protagonismo feminino e pela construção de uma nova cultura. Esta é a preocupação do testemunho de Angela Davis, professora e filósofa estadunidense, que acrescenta a necessidade da discussão da questão racial. Davis foi militante do Partido Comunista em seu país e do Partido dos Panteras Negras. Nascida no Alabama, um dos Estados mais racistas e segregadores dos Estados Unidos, iniciou sua militância nos anos 1960. Perseguida por sua atuação pelos direitos humanos, foi presa e submetida a um julgamento que durou 18 meses, sendo finalmente absolvida. Em 1980 e 1984, foi candidata à vice-presidente dos Estados Unidos. Davis permanece como uma militante conhecida por sua atuação em defesa dos direitos humanos e civis.

Individualmente, cada trajetória é também um testemunho desta prática militante, baseada nos valores, no estudo e compreensão da realidade e no compromisso, desde a juventude, com a transformação da sociedade. Suas reflexões nos ajudam a pensar não apenas os desafios da atualidade, mas principalmente a projetar esta nova sociedade mais justa, igualitária e fraterna. Utópica, não no sentido de distante, mas de desejada e alcançável pela prática, pela luta e pelos valores.

Miguel Enrique Stédile

OS ÚNICOS DERROTADOS QUE HÁ NO MUNDO SÃO OS QUE PARAM DE LUTAR

PEPE MUJICA¹

Queridos,

Ninguém, mais que ninguém, eu é que tenho de agradecer a vocês o calor que me prestam, por sua juventude, pela memória de tantos e tantos e tantos estudantes que foram ficando pelos caminhos de nossa América Latina. Recebam meu agradecimento, de um velho de 80 anos que uma vez foi jovem. E lembrem-se: as repúblicas surgiram pelo sonho de que as majorias mandem.

Ainda vivemos no continente mais injusto e, ao mesmo tempo, mais rico em recursos naturais do mundo. A minha geração não pôde, mas vocês têm de continuar levantando a bandeira da igualdade. Lembrem-se que estão vivos porque nasceram, mas até certo ponto podem orientar a sua vida, ou então o mercado rouba a sua vida. Esse é o dilema: ter consciência e escolher o rumo, ou deixar que o mercado trace o seu rumo. Dependerá de vocês.

Porque a vida é linda. Não há nada mais lindo que a vida, mas é preciso defendê-la pela liberdade. E não deixe que te

¹ Palestra realizada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 26 de agosto de 2015. Transcrição: Pedro Aguiar (Opera Mundi).

roubem a liberdade. A liberdade não se vende: a liberdade se ganha, e se ganha fazendo algo pelos demais, sem mandar a conta. Isso se chama solidariedade. Trata-se de uma luta entre o egoísmo natural – que a natureza nos põe para que cada um lute pela sua vida e as de seus entes queridos – e a solidariedade – que é o interesse da espécie, do caminhar do homem sobre a Terra. Sem solidariedade, não há civilização.

Vivemos nessa contradição fenomenal: nunca, nunca o homem teve tanto. É possível mudar a natureza. É possível salvar o planeta. É possível povoar os desertos. É possível cultivar o mar. É possível esparramar a vida humana pelo universo. A vida humana. Mas, para isso, é preciso começar a pensar como espécie. Não só como país. É preciso assumir a humanidade, o mundo inteiro. Os pobres da África não são “da África”: são nossos! Os que morrem no Mediterrâneo tentando atravessar, são nossos. Compatriotas são todos os abandonados que existem no mundo, todos os esquecidos, porque pertencem à nossa espécie, embora não se deem conta, embora estejam cheios de egoísmo, embora estejam cheios de miséria.

É a hora de um continente diferente, de uma civilização diferente. Não temos que imitar a Europa, nem o Japão. Não podemos querer o desenvolvimento com dor, o desenvolvimento com angústia. Pelo desenvolvimento com felicidade para todos. A generosidade é o melhor negócio para a humanidade, e o pior negócio são os bancos.

Por isso, eu tenho que agradecer a vocês pelo carinho, mas quero transmitir a vocês que, às vezes, a dor ensina mais que o triunfo. Pode-se viver com os justos, pode-se viver com sobriedade, e pode-se viver com sobriedade para ganhar a liberdade. Você não pode gastar sua vida trabalhando e trabalhando para pagar prestações e continuar, e continuar... É preciso gastar

um tempo para trabalhar, porque, se você não trabalha, você vive de alguém, outro que trabalha. A solidariedade tem uma companheira que se chama responsabilidade. Mas tem um tempo para trabalhar. Como diz a Bíblia: “Viverás com o suor de tua testa”. Mas você não nasceu só para suar, nasceu para viver. Portanto, você tem que ter tempo para o amor, para os seus filhos, para os seus amigos, para algum jovem de quem você goste e você diga. Se a sua vida se transforma em pagar prestações e trabalhar horas e horas e horas, você chegará ao fim dela sendo um objeto do mercado, que terá comprado toda a sua liberdade.

Queridos, esta etapa da sociedade capitalista precisa de uma cultura funcional a seus interesses, e a cultura deste tempo é o hiperconsumo. Cada um tem de ser um comprador escravizado, eternamente escravizado, que compre e fique sonhando em voltar a comprar, e que confunda isso com felicidade.

Nenhum governo vai resolver isso! Quem resolve isso é a sua consciência, ou ninguém resolve. Ou você deixa que te controlem, ou aprende a se controlar. É como a criança que tem de atravessar a rua, você pode avisar: “Devagar”; cuidar da criança. Mas é melhor que a criança aprenda sozinha a atravessar a rua. Você tem de aprender na vida a atravessar por dentro do mercado, e que não te roubem a liberdade. E isso se chama “vontade”. Toda manhã, quando levantar, faça dez minutos de reflexão: o que você fez é bom ou mal? Nunca haverá um mundo melhor se não lutarmos para melhorar-nos a nós mesmos. A minha geração acreditou que era mais fácil e confundiu toneladas de aço e de cimento com felicidade humana. Que a de vocês não repita o mesmo erro, e aprenda com os nossos. Vocês têm de cometer os seus próprios erros. Do contrário, terá sido uma besteira o que vivemos.

Vocês têm que lutar no campo da cultura. Não se consegue mudança no mundo material se não se mudar a cultura. Por maior mudança material, se continuarmos com a cultura deles, estamos submetidos, porque a submissão está aqui [na cabeça], mas aqui também está a liberdade. Isso eu aprendi com a solidão do calabouço. E quero transmitir a vocês para que façam as suas vidas.

A nossa América pode ser um continente lindo, de paz e de solidariedade, de carinho. Chegamos tarde e temos o mundo que eles fizeram para ver, e este mundo tem ciência e tecnologia como o homem jamais teve, e isso é positivo se tiver alma, se tiver consciência. Mas esta civilização não tem consciência: tem caixa-forte para guardar o dinheiro.

Se você é universitário, tem que se dar conta que não é só uma mudança de sistema, mas uma mudança de cultura. É uma mudança civilizatória. É uma batalha muito mais profunda do que se pensou no meu tempo. E precisa de gente que dedique sua vida a isso. Que faça de sua vida uma aventura, não apenas sonhando com um mundo melhor, mas lutando por ele, gastando a vida lutando por ele.

[Aplausos]

Por favor, aos 80 anos não venho buscar aplausos. Venho acender a chama da militância pelas causas nobres. Não há homem insubstituível: há causas insubstituíveis. E essas causas precisam de defesa coletiva organizada de homens. Nós, seres humanos, somos gregários. Precisamos de ferramentas coletivas para tentar modificar a realidade. Os homens sozinhos, isolados, por mais geniais que sejam, não são mais que franco-atiradores. Os franco-atiradores nunca ganharão as batalhas. Quem ganha são as massas. E isso é preciso entender.

É preciso criar ferramentas políticas de compromisso coletivo e aprender a dor de andar coletivamente, o que muitas

vezes significa aprender a perdoar, porque ninguém é perfeito. Os “perfeitos” continuam falando sozinhos. E, para que exista mudança, são necessários gigantes seres coletivos. É preciso superar o individualismo e criar consciências coletivas, se querem ter força para incidir na sociedade. Se quiserem colocar nomes clássicos, há muitos, como luta de classe, como quiserem, não importa. Mas nunca [superaremos o individualismo agindo] separados. Isso significa ter bem claro qual é o adversário principal e quais são as diferenças pequenas com nossos parentes, com nossos amigos, e não transformá-las na causa principal, porque isso é atomizar-nos, e atomizados somos fracos. E também significa construir confiança. Mas saibam de uma coisa: a confiança no continente está afetada. Você deve viver como você pensa. Porque, ao contrário, você terminará pensando como você vive. Em outras palavras: se a sua vida se desliza para viver com as formas e valores da minoria privilegiada, a longo prazo você acabará pensando como a minoria privilegiada. A disciplina do cérebro, a disciplina da liberdade, também se ganha com os valores com os quais se vive. Não se pode lutar pela justiça, pela igualdade, por acabar com a pobreza, e olhar de cima para baixo a pobreza dos demais. É preciso aprender a conviver com a sociedade assim como ela é. Isso significa que você deve servir e viver, de corpo e alma, de acordo com os valores da maioria e, quando a maioria melhorar, você também vai melhorar. Mas não antes.

Então, que se mude a ideia de pobreza e de riqueza. Pobres são os que precisam de muito. Esses são pobres, porque não conseguem nada. E ricos são os que têm o carinho das pessoas. São valores distintos desses todos. Nós, homens e mulheres, precisamos de gratificação na vida, mas não podemos confundir a gratificação com uma conta corrente. A alma e o carinho não se depositam na conta corrente. E é este o

caminho da felicidade humana: ser útil aos seres fracos, aos que têm dificuldade, à falta de justiça, não se cansar de lutar, [agir] como um Dom Quixote ao longo da vida. Não se trata de ganhar um prêmio, não é chegar a um final, mas ter um caminho lindo, porque o final é o próprio caminho, o andar, e o andar, e o andar, e passar o bastão para que outro o leve. Isso é uma vida com conteúdo, porque depende da sua decisão, e não do que te imponham de fora.

Não concordem comigo. Pensem, quando forem embora, e ponham a cabeça no travesseiro. Há dois caminhos: o que você pode escolher e o que a realidade do mercado te impõe. Você pode ir trabalhar e poderá ser, dentro de quarenta anos, um aposentado poderoso de uma empresa multinacional, e terá trocado de carro a cada dois anos, e não vai faltar para seu filho nada do que faltou para você. Mas você não terá tempo de dar um beijo nele, nem de passear com ele pela praia, falando com ele como um homem velho fala com um homem que está surgindo. Essa é a diferença. Você terá, provavelmente, todas as geringonças materiais, mas será um estranho para seu filho e para seus amigos. E seu filho terá boas roupas, boa comida, mas terá sido criado na solidão. Isso depende da clareza que você tenha nesta etapa da vida, quando começa a tomar decisões.

Não espere que um governo ou partido mande em você. O que está em jogo é a sua consciência, a sua capacidade de discernimento, e de ser independente ou não. Porque eu já disse: acho que a hora da solidariedade é também a hora da responsabilidade com o compromisso social. A juventude passa, mas as causas nobres não passam.

E, bem, meu agradecimento e aqui tem uma pilha de perguntas, e algumas não vou poder responder. Sei de algumas coisas... e, outras vivo para aprender.

VALORES

Estão em crise os valores de nossa civilização. Esta etapa do capitalismo não pode gerar puritanos ou quacres.² Não: gera corrupção. Não é uma idade de aventura. É uma idade de sepultura. Portanto, naturalmente, estão caindo formas ancestrais. Dentro das repúblicas inseriram, meteram, entraram usos e costumes anteriores aos nobiliárquicos, ainda feudais. Não viram o tapete vermelho, não viram o desfile com cornetas, não viram que os presidentes são rodeados por uma corte que parece uma monarquia. E o problema não são os presidentes: o problema é toda a corte. [*Gritos de “Fora, Cunha!” e “Não vai ter golpe!”*]

Tenho dificuldade para entender. E não me meto no que acontece aqui [no Brasil], porque não me corresponde. Mas tenho de ser claro: aventuras com fardas de milicos? Por favor... Golpe de Estado? Por favor... Já vimos esse filme muitas vezes na América Latina e assim não foi. Esta democracia não é perfeita, porque nós não somos perfeitos! Mas é preciso defendê-la para melhorá-la, não para sepultá-la! [*Gritos de “Não Vai ter golpe!”*]

Concordo. A América do Sul está bastante convulsionada, pelo menos. Mas cuidado: não atribuamos responsabilidade só aos outros. Vejamos: claro que a direita luta pelo lado dela! Claro! O problema são as oportunidades que nós damos a ela. O que significa? Que não podemos andar pela vida com valores deles imbricados nos nossos quadros. Os valores deles, da extrema direita, são deles. Nós não precisamos de uma casa de luxo, um balneário de luxo, carro de luxo, hotel de luxo, da alta sociedade. Insisto: temos que viver com os valores da maioria do nosso

² Quacre ou quackers são integrantes de um movimento religioso, com origem na Inglaterra, que defendem o pacifismo e a vida com simplicidade. Pela perseguição sofrida no século XVII, emigraram em massa para os Estados Unidos, onde fundaram a província da Pensilvânia.

povo. E, aí, não damos oportunidade. Se confundirmos vencer na vida com ter riqueza, vamos mudar de lado, mesmo sem nos darmos conta. Em outras palavras: não se trata de odiar quem tem riqueza, trata-se de localizar cada um em seu lugar. Se você gosta muito de dinheiro, dedique-se ao comércio, à indústria, a fazer dinheiro, mas não se meta na batalha política, em que é preciso ter carinho pelas pessoas.

Precisamos de gente que seja capaz e saiba gerenciar a economia, mas não precisamos de que os apaixonados pelo dinheiro ditem o rumo político. E isso tem de estar claro, porque, senão, daremos oportunidade ao golpismo de direita. Sabem por quê? Porque as pessoas param de acreditar em suas ferramentas naturais, que são os partidos progressistas de mudança. E, ao deixarem de acreditar, perdem a confiança, e quando perdem a confiança, não resta nada além do “cada um por si”, e isso é o mundo da fera.

Nós, homens e mulheres, podemos perdoar erros, e perdoadamos porque somos pecadores. O que não perdoadamos é que mintam para a gente. Isso trai a fé. A crise que temos na América é desse tipo. E temos que aprender que a mesa deles é uma, e a nossa mesinha é outra. Eles precisam de muita coisa: confeitaria, doces caros, carros zero quilômetro, Mercedes Benz, Audi, e tudo isso. Nós podemos andar de Fusca.

Não precisamos. Portanto, não temos preço. Logo, se não temos preço, somos coerentes com os interesses do nosso povo. É por isso que se tem de lutar. Há uma disputa moral, ética. Até [a época de] Adam Smith, se ensinava e se praticava a economia junto com a filosofia e a ética. Com os estudos dos efeitos do mercado na economia, tentou-se isolar a economia. Não se pode separar a economia da ética e da filosofia. A economia política é una! E, se você não tem coração, é porque tem bolso. E só tem sentimentos no bolso. Não se pode ter as duas coisas.

INSTRUMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO

O problema mais grave, não o único, mas o mais grave da América Latina é a desigualdade. A crônica desigualdade que tende a multiplicar-se. A economia pode crescer, mas, por sua vez, cresce a pobreza. Sobretudo onde não existe um Estado forte que se preocupe em mitigar a crise de distribuição do mercado. Mas para ter Estado forte, é preciso ter duas coisas: responsabilidade política solidária no Estado, porque o Estado não é nem bom nem mau, é como uma ferramenta – depende de como se usa e para que se usa; mas o segundo elemento é que se tem de ter recursos. E isso se chama política fiscal. E, na América Latina, os ricos a elaboram para não pagar quase nada. E é preciso entender que com o Estado mísero, sem recursos, não pode haver política social de equidade, de educação, de saúde, de moradia. E é preciso fazer os setores acomodados da sociedade entenderem isso. Os ombros mais fortes têm de carregar uma carga tributária que se traduza nisso: que quem tem mais pague mais. E isso da [injusta] política fiscal é [algo] crônico na América Latina.

Ao contrário: olhem no mundo os países que estão melhores socialmente e verão que, em todos eles, a carga tributária é enorme. Isso não quer dizer que só por ter um caminho de altos impostos chegaremos ao desenvolvimento, porque a resposta é como gastamos o dinheiro e como o investimos. Essa é outra história. Mas não se pode melhorar a educação, por exemplo, sem dinheiro. Basta o dinheiro para melhorar? Não. O que está claro é que, se não tem dinheiro, não se melhora. Acreditem.

Mas, então, qual é o limite da pressão fiscal? O limite é a arte mais fina da política. Em outras palavras: se você encurrala [o empresário] com tantos impostos que não lhe convém trabalhar, ele foge. E, então depois, em lugar de ter mais, você tem menos, apesar de ter uma causa nobre. Mas se você o acostuma

a que sua eficiência empresarial venha pelo caminho de perdoar tudo de impostos e dar todos os privilégios, em vez de ter empresários, se tem parasitas. Essa é a questão. Não há nenhuma receita de bolo que defina isso. Essa é a arte da política.

E eu defendo: a educação e a cultura são instrumentos imprescindíveis para o desenvolvimento. E a capacitação técnica ainda mais. Mas precisa-se, além disso, da política adequada. Não basta. Por quê? Porque nenhum país era mais culto e tinha mais avanço científico que a Alemanha da Segunda Guerra Mundial. E vimos o que fez. Também para ser bárbaro se pode ser muito eficiente pelo caminho do conhecimento. Quer dizer: a pontaria política, a longo prazo, é decisiva. É decisiva. O ser humano é gregário. E, como é gregário, é um animal político, como afirmava Aristóteles. Quem desprezar a política não entende que a política é, acima de tudo, o esforço social para melhorar a sociedade. Nem quer dizer que eu esteja convidando vocês para se meterem a atacar se quiserem lutar pela liberdade.

Por isso, a maneira honrada que tenho...

Não vim ao Rio de Janeiro para me reunir com um montão de garotos que são um tesouro para dizer somente o que podem gostar ou entender. Tenho que assinalar que o que tenho, honradamente, é um caminho de futuro. Se a maioria da juventude inteligente da América Latina não tiver a coragem para essa tarefa, que é lutar por um mundo melhor, nossa América Latina continuará atomizada em países.

UNIDADE LATINO-AMERICANA

E, aqui, vou à segunda parte: o mundo está se reagrupando em unidades gigantescas. O mundo dos países que conhecíamos está ficando para trás. O mundo da cultura nacional, tradicional, que conhecíamos, não está a par do que está acontecendo no planeta.

A Comunidade Econômica Europeia está aí com suas diferentes nacionalidades, com suas diferentes línguas, com suas diferentes histórias, mas está criando uma fabulosa unidade de capital, de técnica e de massas. Os Estados Unidos já sabemos o que significa. Eles têm, às suas costas, uma espécie de terra vazia prometida pelo Canadá. E têm, por agora, a enorme vantagem de suas universidades e uma capacidade de pesquisa que os coloca vários postos adiante em muitas ciências. Eu não me compadeço com a ideia de que [os EUA] vão cair como uma planta podre. Não acredito nisso. Do outro lado, a China, é o mais antigo Estado nacional, e já sabemos o que ela significa e o que vai significar para o mundo que virá. Ainda, na retaguarda, está a Índia.

Vocês acreditam que os latino-americanos, sem uma voz comum, que identifique nossos interesses mais profundos, vai ter representação nesse mundo?

Vocês acreditam que os países mais gigantescos, como o Brasil, ainda não se deram conta de que chegaram tarde e de que precisam do apoio de todo o resto de nossa América Latina para ser alguém nesse mundo de colossos?

Eu não vou estar vivo, garotos, nesse mundo, mas a maioria de vocês vai estar. E vão aparecer. Porque ninguém disse que esse mundo vai ser mais generoso. Ai dos fracos! E, para deixar de ser fraco, não há outro caminho além de tentar juntar-se com nossos iguais. E com quem, nós latino-americanos, vamos nos juntar, se não nos juntarmos entre nós? Até quando eles vão levar nossos melhores cérebros? Até quando nossas universidades estarão atomizadas se não formos capazes de juntar a inteligência latino-americana? Ter nosso próprio sistema de pesquisa? Sermos proprietários de nosso próprio conhecimento? Qual é nosso destino? Sermos compradores de conhecimento de ponta, como até agora? A batalha pela liberdade será também no campo da pesquisa! E é preciso ter isso claro.

As multinacionais olham dentro de cada universidade e tratam de levar os mais brilhantes, o mais rápido que podem. E nos dão um consolo, um prêmio importante, e pagam muito mais do que nossas sociedades podem pagar, e, com isso, levam a nata do mundo. Até quando?

Então é preciso pôr tudo isso em cima da mesa. Sei que o Mercosul tem um monte de defeitos. Mas ai de nós se não existisse. Não é questão de jogar o bebê fora junto com a água do banho. É preciso lutar por um Mercosul muito melhor, muito mais complementar, e é preciso estar ao lado de todos os movimentos de unidade e de contribuição que existem na América Latina. Não é separando, não!

O Brasil, como é grande, tem uma velha discussão: há quem sonhe com que seja uma grande potência... sozinha. “Chegou tarde, irmão” – dizem os imperialistas. “Chegou tarde!”.

A sorte não está em cima, a sorte está embaixo! Nosso tesouro, nosso grande mercado, são os pobres de nossa América Latina, é preciso incorporá-los à civilização. Esta é a disputa. A disputa é para dentro, por todos, e por todos os que estão oprimidos, pelos povos indígenas, pela identidade de todos. Juntar-se não é perder identidade. É a única maneira de garantir a identidade dos fracos.

Então, por favor, garotos, levantem a cabeça. Vocês não têm por que deixar de ser brasileiros. Mas têm de ser latino-americanos e, depois, humanos.

LIÇÕES DA HISTÓRIA

Queridos, a vida é um livro aberto. Eu tive que viver muitos anos de solidão, mas não porque fosse herói; porque me pegaram, me faltou velocidade, nada mais. E fiquei oito anos sem nenhum livro. E tive de pensar. Tive de buscar dentro de mim a força que não podia ter fora. E peço a você: converse com o

que você tem dentro. Estamos numa época em que estamos conectados com o mundo. *Pim, pim, pim...* Mas não se desconecte do que você tem dentro. Isso significa aprender a falar consigo mesmo em profundidade, sem piedade. Isso é que, como diz Machado, o que ensinou o segredo da filantropia. Não procure só fora: tem que procurar dentro de você mesmo, porque você tem um universo. Você tem de se aproximar de você mesmo, com seus erros, suas frustrações, para poder gostar um pouco mais dos outros. Se você não tentar conhecer-se a si mesmo, não vai conhecer ninguém.

Então, passei a vida lendo. A cada três, quatro anos, voltava a ler *Dom Quixote de La Mancha*.³ E leio tudo que posso da História da humanidade. A esquerda e a direita não começaram com a Revolução Francesa. Sempre a humanidade teve uma cara conservadora e uma cara solidária. Aí estão Ashoka,⁴ Epaminondas,⁵ os Gracos,⁶ São Francisco de Assis, e uma multidão muito antes de chegar à Revolução Francesa. Sempre. Talvez a humanidade precise de um traço de estabilidade e isso a cara conservadora do homem cumpre, mas a humanidade também precisa de mudança, porque o tempo não tem piedade e passa. A história humana se move nesse vaivém, mas ambas as posições podem

³ Romance do escritor espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), considerado a grande obra da literatura espanhola.

⁴ Imperador indiano que governou entre 273 a 232 a.C., conhecido por instituir uma democracia parlamentar monárquica e também por sua conversão e dedicação a difundir o budismo.

⁵ General e governante da cidade-estado grega de Tebas, Epaminondas (418-362 a.C) se tornou conhecido por libertar povos da Messênia que estavam submetidos à servidão pela cidade-estado de Esparta, além de estabilizar o regime político de Tebas.

⁶ Referência aos irmãos Tibério e Caio Graco, tribunos (representantes) da Plebe no Império Romano, que apresentaram propostas de reforma agrária como forma de resolver os problemas sociais no Império durante o século II a.C.

ser patológicas. A cara da mudança pode transformar-se em infantil e confundir desejo com realidade. [Ela pode] não ver a realidade, porque tem o óculos do que deseja. A cara conservadora pode cair no reacionário, no golpismo, na violência. Por isso, é preciso conhecer tudo que se possa da aventura humana em todas as partes da Terra.

Mas, primeiro, comprometa-se a fundo a conhecer a dolorosa história do seu continente, começando pela do seu país. Você não pode operar no sentido político, profundo, do porvir, se não conhecer a história do seu país. Gaste o tempo em conhecer de onde viemos, para poder sonhar para onde vamos.

IGUALDADE DE DIREITOS

Acho que as mulheres não precisam de presentes concedidos pelos homens. Elas vêm, pelo menos no meu país, ganhando seu lugar por conta própria, sem presentes. [No Uruguai] formam-se cem mil profissionais por ano, e 75% são mulheres. No parlamento, acabamos de aprovar 30 procuradoras de justiça – nenhum homem, todas mulheres. Daqui a pouco, nós homens é que vamos ter de pedir cotas. Por quê? Porque as companheiras são menos preguiçosas que os homens e terminam a carreira. E os homens refletem, e as mulheres vão conseguir os direitos adiados, não por concessão, mas por imposição de sua capacidade na própria sociedade. E isso é uma evolução natural do peso do trabalho. Na medida em que o trabalho vai virando cada vez mais intelectual, vão desaparecendo as distâncias que podiam existir. Há uma onda de preconceito ainda muito grande. Nota-se mais no mundo empresarial. É ali onde está mais entranhado o sentido mais conservador da espécie. Poucas mulheres capazes à frente das empresas.

Mas não tenho dúvida de que este hoje é um processo irreversível. Mas, cuidado: elas não precisam de presentes, de

gentileza. Precisam de um lugar de luta e de oportunidade para demonstrar a capacidade que têm. Não acredito em igualdade de gêneros; acredito na igualdade de direitos. Por sorte não somos iguais, porque não valeria a pena viver neste mundo se fôssemos iguais. E não achem que digo isso por galanteio. Sou absolutamente consciente. Os homens sozinhos são inviáveis. Somos um desastre completo. Embora não nos demos conta, andamos pela vida precisando de uma espécie de mãe que sempre nos organize e nos conduza. Mas, como somos machistas por cultura, não gostamos de reconhecer isso. Em geral, uma casa nas mãos de um homem é um desastre. Por isso, acho que é preciso compartilhar e aprender a compartilhar.

Podem dizer: o que você faz com a sua mulher? E eu digo: eu lavo a louça, quando posso, e tento ajudá-la em tudo que posso, convivemos e somos felizes. Ela tem 70 anos e eu tenho 80. E tentamos construir um mundo em paz e em tranquilidade.

INEFICIÊNCIA DO SISTEMA PRISIONAL

Companheiros: nós, seres humanos, precisamos de refúgio, e o refúgio é o ninho. Nunca se esqueçam. É preciso cuidar do ninho, mas para cuidar do ninho é preciso cuidar da companhia, acima de todas as coisas. E quando o ninho se quebra, é preciso chorar um dia e voltar e começar a construir outro ninho e, assim, até o Juízo Final.

Queridos, fui um *cañero viejo*,⁷ passei por um monte de perrengues, estive entregue a quatro prisões, fugi de duas. Dão pouca importância às prisões. É uma caldeira da cultura. O idioma muda nas prisões. Desde embaixo. Os mais desprezados da sociedade monitoram as mudanças idiomáticas. Até pouco tempo atrás, dentro das prisões também havia valores.

⁷ Frequentador de prisões.

Não achem que isso é simples. Até no mundo do crime havia valores, o que quer dizer que havia coisas que não se podia fazer. A inclusão do tráfico de drogas, como metodologia, gerou um câncer de violência que vai muito além do tráfico de drogas e nos botou neste mundo contemporâneo onde parece que a violência não tem limites – não tem limites morais. E nunca tínhamos conhecido isso. “Você quer prata ou chumbo?”. Esta é a alternativa. Eu acho que essa é uma das piores ofensas à civilização humana que tivemos até hoje e que todo esse arsenal merece ser repensado.

Agora, bem: todos nós sabemos que as prisões deveriam ser reabilitadoras dos seres humanos, particularmente dos jovens, dos que caem. Mas a realidade orçamentária, e com os meios que temos à disposição, a prisão não só não ajuda a superar as deformações que se trazem, mas, em geral, ajudam a multiplicá-las, pelo menos nesta América Latina. Ninguém quer saber de prisões, e isso é como o mundo fétido que está aí. Chegam num bairro, prometem que vão fazer uma prisão, as pessoas logo exigem que a façam em outro lado, “aqui não”. Não queremos suportar as tranças da sociedade da qual somos parte. Essa é a realidade. E é muito pouco o espírito militante. Queremos resolver isso com profissionalismo. Alguém pode acreditar que haja seres humanos que tenham vocação de carcereiro? Não.

Portanto, não creio que o caminho de multiplicar as penas ajude. Isto porque, se tivéssemos uma realidade melhor para oferecer, seria uma coisa. Mas o que temos para oferecer, na realidade, é muito pior. É muito pior. Em outras palavras: as prisões, em boa parte da América Latina, foram transformadas em uma universidade do crime. E ainda queremos prolongar mais, e mais, e mais, essa penúria. Qual é a resposta? Onde estão acontecendo coisas positivas? E onde estão acontecendo coisas negativas, para que possamos fazer um balanço? Vere-

mos. Onde há políticas que levem em conta esses fatores? Não é nos Estados Unidos, onde têm o recorde *per capita* de gente em cana. E os crimes se multiplicam – os crimes dos pobres. Os cheios de dinheiro não vão presos. Que fique ainda mais claro, companheiros: as leis podem ser as mesmas, iguais para todos, mas não há igualdade no “como se aplica”; há uns mais iguais que outros.

Então, não creio que, com a multiplicação das penas, teremos uma mudança. Mas também lembremos que o homem da rua existe, pensa e sente. E quando o esbracham, quando o roubam, quando o tratam mal e quando pisam nele, e quando o pegam com uma menina e o acusam disso e daquilo etc., ele está cheio de ódio e rancor. É preciso entender o homem da rua. Ele pula com uma fúria. E creem, ingenuamente, que o assunto se resolve aumentando as penas. Também vão padecer dessa contradição. Porque o homem da rua também tem sentimentos, e o homem da rua é nosso. Lutemos por ele, apesar dele não entender. É a razão de ser: ele compõe a maioria. Por isso, lutem, lutem pelo melhor, mas entendam qual é a realidade, e não se desmoralizem, não abaixem as bandeiras. Os únicos derrotados que há no mundo são os que param de lutar.

REGULAÇÃO DAS DROGAS

Primeiro, dizia Einstein: “se você quer mudar, não pode continuar fazendo a mesma coisa”. No meu país, pequeno, e socialmente bastante adiantado em termos legislativos, tomamos uma decisão: como não podemos vencer o tráfico – a cada três presos, um é por relação com drogas; ou por tráfico, ou por crime cometido para comprar droga –, apesar da repressão, estávamos perdendo a guerra, decidimos arrebatá-lo mercado, deixá-lo sem fonte. Ou seja: estropiar o negócio. Ou seja: pegá-lo na taxa de lucro. E isso não é legalização: é regulação.

Entendamos: o mercado está em 150 mil, talvez um pouco mais, apesar de nós. Não tem alternativa além de comprar no mundo clandestino. Não há outro lugar para comprar. Está dado ao tráfico. Vendem bom, ruim, regular, sacaneiam. Mas esse é o mundo real. Nós não cremos que nenhum vício seja bom – exceto o do amor. Todos os demais são ruins. O tabaco é ruim, e mesmo assim fumamos. A bebida é ruim, e mesmo assim bebemos. Se eu tomo dois uísques por dias, talvez não seja bom, mas eu aguento. Se eu tomo uma garrafa, têm que me internar; sou um alcoólatra. Mas como podem me internar se estou no mundo clandestino? Este é o caso dos vícios. Se eu dou uma cota semanal ao sujeito e ele quer mais e mais, e eu detecto isso, então me dou conta de que tenho de atendê-lo. Em outras palavras: se o vício entra computado, estou a tempo de atendê-lo, porque tenho identificado e o conheço. Se mantiver clandestino, vai continuar afundando no vício e, quando puder reconhecer, já será tarde, porque o terei posto em alguma prisão por aí. Já será irrecuperável. Essa é a tese. Não é legalização. Não é dar força, “Consuma!”, “Viva a boemia!”, “Viva o fumo!”. Não! É uma praga! Mas como seres humanos, somos assim. Vamos lidar com a praga! Não queremos fazer como fizeram os ianques na década de 1930, que declararam a Lei Seca, proibiram e veio Al Capone.⁸ Foi pior que nunca. Pior que nunca, porque vendiam álcool de madeira. Bom, isso é o que estamos fazendo com as drogas.

Mas, além disso, para o mundo jovem, o ilegal atrai. O proibido atrai. Muito mais. Se eu te vendo numa boate, como qualquer pessoa comum, tirei a poesia e o mistério do proibido.

Dará resultado? Não sabemos. O que sabemos é que o que vínhamos fazendo era gastar dinheiro com um contingente

⁸ Criminoso estadunidense que fez fortuna com a venda ilegal de bebidas durante a Lei Seca em Chicago, Estados Unidos.

policial cada vez maior, ter uma montanha de custos, e cada vez ter mais gente que toma goela abaixo.

Então levantamos a bandeira do direito de buscar um caminho diferente. Por que o Uruguai faz isso? O Uruguai tem antecedentes disso. O Uruguai, em 1914, reconheceu a prostituição e a organizou, legalmente. Lutou e garantiu os direitos sociais das mulheres que exerciam essa profissão. Não se pensou em proibir. O Uruguai, nessa época, nacionalizou a produção de álcool de alambique. Durante 50 anos, só quem produzia bagaceira, cachaça, uísque, conhaque etc., era o Estado. Fazia de boa qualidade, cobrava caro e atendia a saúde pública. Não pensaram na Lei Seca dos Estados Unidos. O Uruguai estabeleceu, por essa mesma época, o divórcio pelo pedido apenas da mulher. O Uruguai inventou, nessa época, uma universidade feminina, para que as famílias conservadoras daquela época se animassem a mandar as meninas para estudar. Porque havia patriotas que diziam “as mulheres não devem estudar porque vão perder os doces costumes do lar”. Isso também existia. E houve antecessores, nossos bisavós, que tiveram a audácia de enfrentar os preconceitos da sociedade. Eu podia continuar relatando coisas.

É natural que o Uruguai tenha tido a coragem, por ser país pequeno, de fazer uma proposta distinta, e não fazer a covardia que estão fazendo nos Estados Unidos, onde há Estados em que, com a lorota do uso medicinal, se consegue um receituário cheio de assinaturas de médicos, você entra numa loja, preenche o formulário e diz “tenho uma dor nas costas”, compra maconha e tem um médico que atesta para você – e é claro que te cobra para isso. Não! Achamos que isso é cinismo. Não. Nós vamos pelo caminho dos fatos. E, bom, vamos levar porrada de todos os lados, mas pelo menos saibam como é a coisa.

Companheiros: dizem que Deus era muito poderoso e fez o mundo. E teve que descansar no domingo, porque estava can-

sado. Imaginem um velho de 80 anos, que não é Deus. Temos que terminar. E tenho que dar um abraço de coração em vocês. Para mim, a vida começa com vocês. E vou me despedir brindando por aqueles de vocês que levantem as bandeiras quando nossos ossos já não possam mais levantar bandeiras. Obrigado.

DIGAMOS SEM MEDO: QUEREMOS UMA MUDANÇA REAL DAS ESTRUTURAS

PAPA FRANCISCO¹

Irmãos e irmãs, boa tarde!

Há alguns meses, reunimo-nos em Roma e não esqueço aquele nosso primeiro encontro. Durante este tempo, trouxe-vos no meu coração e nas minhas orações. Alegra-me vê-los de novo aqui, debatendo os melhores caminhos para superar as graves situações de injustiça que padecem os excluídos em todo o mundo. Obrigado, senhor presidente Evo Morales, por sustentar tão decididamente este encontro.

Em Roma, senti algo muito belo: fraternidade, paixão, entrega, sede de justiça. Hoje, em Santa Cruz de la Sierra, volto a sentir o mesmo. Obrigado! Soube também, pelo Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, presidido pelo Cardeal Turkson, que são muitos na Igreja aqueles que se sentem mais próximos dos movimentos populares. Muito me alegro por isso! Ver a Igreja com as portas abertas a todos vós, que se envolve, acompanha e consegue sistematizar em cada diocese, em cada comissão “Justiça e Paz”, uma colaboração real, permanente e comprometida com os movimentos populares. Convido-vos a todos, bispos,

¹ Discurso durante II Encontro dos Movimentos Populares na Bolívia, 9 de julho de 2015.

sacerdotes e leigos, juntamente com as organizações sociais das periferias urbanas e rurais, a aprofundar este encontro.

Deus permitiu que nos voltássemos a ver hoje. A Bíblia lembra-nos que Deus escuta o clamor do seu povo e também eu quero voltar a unir a minha voz à vossa: terra, teto e trabalho para todos os nossos irmãos e irmãs. Disse-o e repito: são direitos sagrados. Vale a pena, vale a pena lutar por eles. Que o clamor dos excluídos seja escutado na América Latina e em toda a terra.

1

Em primeiro lugar, começemos por reconhecer que precisamos de uma mudança. Quero esclarecer, para que não haja mal-entendidos, que falo dos problemas comuns de todos os latino-americanos e, em geral, de toda a humanidade. Problemas que têm uma matriz global e que atualmente nenhum Estado pode resolver por si mesmo. Feito este esclarecimento, proponho que nos coloquemos estas perguntas:

– reconhecemos nós que as coisas não andam bem num mundo onde há tantos camponeses sem terra, tantas famílias sem teto, tantos trabalhadores sem direitos e tantas pessoas feridas na sua dignidade?

– reconhecemos nós que as coisas não andam bem, quando explodem tantas guerras sem sentido e a violência fratricida se apodera até dos nossos bairros?

– reconhecemos nós que as coisas não andam bem, quando o solo, a água, o ar e todos os seres da criação estão sob ameaça constante?

Então, se reconhecemos isto, digamo-lo sem medo: precisamos e queremos uma mudança.

Nas vossas cartas e nos nossos encontros, relataram-me as múltiplas exclusões e injustiças que sofrem em cada atividade

laboral, em cada bairro, em cada território. São tantas e tão variadas como muitas e diferentes são as formas próprias de as enfrentar. Mas há um elo invisível que une cada uma destas exclusões. Não se encontram isoladas, estão unidas, por um fio invisível. Conseguimos nós reconhecê-lo? Não se trata de questões isoladas. Pergunto-me se somos capazes de reconhecer que estas realidades destrutivas correspondem a um sistema que se tornou global. Reconhecemos nós que este sistema impôs a lógica do lucro a todo o custo, sem pensar na exclusão social nem na destruição da natureza?

Se é assim – insisto – digamo-lo sem medo: queremos uma mudança, uma mudança real, uma mudança de estruturas. Este sistema é insuportável: não o suportam os camponeses, não o suportam os trabalhadores, não o suportam as comunidades, não o suportam os povos... E nem sequer o suporta a Terra, a irmã Mãe Terra, como dizia São Francisco.

Queremos uma mudança nas nossas vidas, nos nossos bairros, no vilarejo, na nossa realidade mais próxima; mas uma mudança que toque também o mundo inteiro, porque hoje a interdependência global requer respostas globais para os problemas locais. A globalização da esperança, que nasce dos povos e cresce entre os pobres, deve substituir esta globalização da exclusão e da indiferença.

Hoje quero refletir convosco sobre a mudança que queremos e precisamos. Como sabem, recentemente escrevi sobre os problemas da mudança climática. Mas, desta vez, quero falar de uma mudança noutra sentido. Uma mudança positiva, uma mudança que nos faça bem, uma mudança – poderíamos dizer – redentora. Porque é dela que precisamos. Sei que buscais uma mudança e não apenas vós: nos diferentes encontros, nas várias viagens, verifiquei que há uma expectativa, uma busca forte, um anseio de mudança em todos os povos do mundo.

Mesmo na minoria, cada vez mais reduzida, que pensa sair beneficiada deste sistema, reina a insatisfação e sobretudo a tristeza. Muitos esperam uma mudança que os liberte desta tristeza individualista que escraviza.

O tempo, irmãos e irmãs, o tempo parece exaurir-se; já não nos contentamos com lutar entre nós, mas chegamos até a assanhar-nos contra a nossa casa. Hoje, a comunidade científica aceita aquilo que os pobres já há muito denunciam: estão a produzir-se danos talvez irreversíveis no ecossistema. Está-se a castigar a terra, os povos e as pessoas de forma quase selvagem. E por trás de tanto sofrimento, tanta morte e destruição, sente-se o cheiro daquilo que Basílio de Cesareia² chamava “o esterco do diabo”: reina a ambição desenfreada de dinheiro. O serviço ao bem comum fica em segundo plano. Quando o capital se torna um ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez do dinheiro domina todo o sistema socioeconômico, arruína a sociedade, condena o homem, transforma-o em escravo, destrói a fraternidade inter-humana, faz lutar povo contra povo e até, como vemos, põe em risco esta nossa casa comum.

Não quero alongar-me na descrição dos efeitos malignos desta ditadura sutil: vós conhecei-los! Mas também não basta assinalar as causas estruturais do drama social e ambiental contemporâneo. Sofremos de um certo excesso de diagnóstico que, às vezes, nos leva a um pessimismo charlatão ou a rejubilar com o negativo. Ao ver a crônica negativa de cada dia, pensamos que não haja nada que se possa fazer para além de cuidar de nós mesmos e do pequeno círculo da família e dos amigos.

Que posso fazer eu, recolhedor de papelão, catador de lixo, limpador, reciclador, frente a tantos problemas, se mal ganho

² Também conhecido como São Basílio, teólogo (330-379 d.C.) e Arcebispo da Cesareia, na Capadócia (atual Turquia).

para comer? Que posso fazer eu, artesão, vendedor ambulante, carregador, trabalhador irregular, se não tenho sequer direitos laborais? Que posso fazer eu, camponesa, indígena, pescador, que dificilmente consigo resistir à propagação das grandes corporações? Que posso fazer eu, a partir da minha comunidade, do meu barraco, da minha povoação, da minha favela, quando sou diariamente discriminado e marginalizado? Que pode fazer aquele estudante, aquele jovem, aquele militante, aquele missionário que atravessa as favelas e os parapeiros com o coração cheio de sonhos, mas quase sem nenhuma solução para os meus problemas? Muito! Podem fazer muito. Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos “3 T” (trabalho, teto, terra), e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudança nacionais, regionais e mundiais. Não se acanhem!

2

Em segundo lugar, vós sois semeadores de mudança. Aqui, na Bolívia, ouvi uma frase de que gosto muito: “processo de mudança”. A mudança concebida, não como algo que um dia chegará porque se impôs esta ou aquela opção política, ou porque se estabeleceu esta ou aquela estrutura social. Sabemos, amargamente, que uma mudança de estruturas, que não seja acompanhada por uma conversão sincera das atitudes e do coração, acaba a longo ou curto prazo por burocratizar-se, corromper-se e sucumbir. Por isso gosto tanto da imagem do processo, na qual a paixão por semear, por regar serenamente o que outros verão florescer, substitui a ansiedade de ocupar todos os espaços de poder disponíveis e de ver resultados imediatos.

Cada um de nós é apenas uma parte de um todo complexo e diversificado, interagindo no tempo: povos que lutam por uma afirmação, por um destino, por viver com dignidade, por “viver bem”.

Vós, a partir dos movimentos populares, assumis as tarefas comuns motivados pelo amor fraterno, que se rebela contra a injustiça social. Quando olhamos o rosto dos que sofrem, o rosto do camponês ameaçado, do trabalhador excluído, do indígena oprimido, da família sem teto, do imigrante perseguido, do jovem desempregado, da criança explorada, da mãe que perdeu o seu filho num tiroteio porque o bairro foi tomado pelo narcotráfico, do pai que perdeu a sua filha porque foi sujeita à escravidão; quando recordamos estes “rostos e nomes” estremecem-nos as entranhas diante de tanto sofrimento e comovemo-nos... Porque “vimos e ouvimos”, não a fria estatística, mas as feridas da humanidade dolorida, as nossas feridas, a nossa carne. Isso é muito diferente da teorização abstrata ou da indignação elegante. Isso comove-nos, move-nos e procuramos o outro para nos movermos juntos. Esta emoção feita ação comunitária é incompreensível apenas com a razão: tem um *plus* de sentido que só os povos entendem e que confere a sua mística particular aos verdadeiros movimentos populares.

Vós viveis, cada dia, imersos na crueza da tormenta humana. Falastes-me das vossas causas, partilhastes comigo as vossas lutas. E agradeço-vos. Queridos irmãos, muitas vezes trabalhais no insignificante, no que aparece ao vosso Alcance, na realidade injusta que vos foi imposta e a que não vos resignais opondo uma resistência ativa ao sistema idólatra que exclui, degrada e mata. Vi-vos trabalhar incansavelmente pela terra e a agricultura camponesa, pelos vossos territórios e comunidades, pela dignificação da economia popular, pela integração urbana das vossas favelas e agrupamentos, pela autoconstrução de moradias

e o desenvolvimento da infraestrutura do bairro e em muitas atividades comunitárias que tendem à reafirmação de algo tão elementar e inegavelmente necessário como o direito aos “3 T”: terra, teto e trabalho.

Este apego ao bairro, à terra, ao território, à profissão, à corporação, este reconhecer-se no rosto do outro, esta proximidade no dia a dia, com as suas misérias e os seus heroísmos cotidianos, é o que permite realizar o mandamento do amor, não a partir de ideias ou conceitos, mas a partir do genuíno encontro entre pessoas, porque não se amam os conceitos nem as ideias; amam-se as pessoas. A entrega, a verdadeira entrega nasce do amor pelos homens e mulheres, crianças e idosos, vilarejos e comunidades... Rostos e nomes que encham o coração. A partir destas sementes de esperança, semeadas pacientemente nas periferias esquecidas do planeta, destes rebentos de ternura que lutam por subsistir na escuridão da exclusão, crescerão grandes árvores, surgirão bosques densos de esperança para oxigenar este mundo.

Vejo, com alegria, que trabalhais no que aparece ao vosso alcance, cuidando dos rebentos; mas, ao mesmo tempo, com uma perspectiva mais ampla, protegendo o arvoredo. Trabalhais numa perspectiva que não só aborda a realidade setorial que cada um de vós representa e na qual felizmente está enraizada, mas procurais também resolver, na sua raiz, os problemas gerais de pobreza, desigualdade e exclusão.

Felicito-vos por isso. É imprescindível que, a par da reivindicação dos seus legítimos direitos, os povos e as suas organizações sociais construam uma alternativa humana à globalização exclusiva. Vós sois semeadores de mudança. Que Deus vos dê coragem, alegria, perseverança e paixão para continuar a semear. Podeis ter a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, vamos ver os frutos. Peço aos dirigentes: sede criativos e nunca percais o

apego às coisas próximas, porque o pai da mentira sabe usurpar palavras nobres, promover modas intelectuais e adotar posições ideológicas, mas se construídes sobre bases sólidas, sobre as necessidades reais e a experiência viva dos vossos irmãos, dos camponeses e indígenas, dos trabalhadores excluídos e famílias marginalizadas, com certeza não vos equivocareis.

A Igreja não pode nem deve ser alheia a este processo no anúncio do Evangelho. Muitos sacerdotes e agentes pastorais realizam uma tarefa imensa acompanhando e promovendo os excluídos em todo o mundo, ao lado de cooperativas, dando impulso a empreendimentos, construindo casas, trabalhando abnegadamente nas áreas da saúde, desporto e educação. Estou convencido de que a cooperação amistosa com os movimentos populares pode robustecer estes esforços e fortalecer os processos de mudança.

No coração, tenhamos sempre a Virgem Maria, uma jovem humilde duma pequena aldeia perdida na periferia dum grande império, uma mãe sem teto que soube transformar um curral de animais na casa de Jesus com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Maria é sinal de esperança para os povos que sofrem dores de parto até que brote a justiça. Rezo à Virgem do Carmo, padroeira da Bolívia, para fazer com que este nosso encontro seja fermento de mudança.

3

Por último, gostaria que refletíssemos, juntos, sobre algumas tarefas importantes neste momento histórico, pois queremos uma mudança positiva em benefício de todos os nossos irmãos e irmãs. Disto estamos certos! Queremos uma mudança que se enriqueça com o trabalho conjunto de governos, movimentos populares e outras forças sociais. Sabemos isso também! Mas não é tão fácil definir o conteúdo da mudança, ou seja, o programa social que

reflita este projeto de fraternidade e justiça que esperamos. Neste sentido, não esperem uma receita deste Papa. Nem o Papa nem a Igreja têm o monopólio da interpretação da realidade social e da proposta de soluções para os problemas contemporâneos. Atrever-me-ia a dizer que não existe uma receita. A história é construída pelas gerações que se vão sucedendo no horizonte de povos que avançam individuando o próprio caminho e respeitando os valores que Deus colocou no coração.

Gostaria, no entanto, de vos propor três grandes tarefas que requerem a decisiva contribuição do conjunto dos movimentos populares:

3.1. A primeira tarefa é pôr a economia a serviço dos povos

Os seres humanos e a natureza não devem estar a serviço do dinheiro. Digamos NÃO a uma economia de exclusão e desigualdade, na qual o dinheiro reina em vez de servir. Esta economia mata. Esta economia exclui. Esta economia destrói a Mãe Terra.

A economia não deveria ser um mecanismo de acumulação, mas a condigna administração da casa comum. Isso implica cuidar zelosamente da casa e distribuir adequadamente os bens entre todos. A sua finalidade não é unicamente garantir o alimento ou um “decoroso sustento”. Não é sequer, embora fosse já um grande passo, garantir o acesso aos “3 T” pelos quais combateis. Uma economia verdadeiramente comunitária – poder-se-ia dizer, uma economia de inspiração cristã – deve garantir aos povos dignidade, “prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos”.³ Isso envolve os “3 T” mas também acesso à educação, à saúde, à inovação, às manifestações artísticas e culturais, à comunicação, ao desporto e à recreação.

³ JOÃO XXIII, Carta encíclica *Mater et Magistra* (15 de Maio de 1961), 3: AAS 53 (1961), 402.

Uma economia justa deve criar as condições para que cada pessoa possa gozar duma infância sem privações, desenvolver os seus talentos durante a juventude, trabalhar com plenos direitos durante os anos de atividade e ter acesso a uma digna aposentadoria na velhice. É uma economia na qual o ser humano, em harmonia com a natureza, estrutura todo o sistema de produção e distribuição de tal modo que as capacidades e necessidades de cada um encontrem um apoio adequado no ser social. Vós – e outros povos também – resumis este anseio duma maneira simples e bela: “viver bem”, que não é a mesma coisa que “aproveitar”.

Esta economia é não apenas desejável e necessária, mas também possível. Não é uma utopia, nem uma fantasia. É uma perspectiva extremamente realista. Podemos consegui-la. Os recursos disponíveis no mundo, fruto do trabalho intergeracional dos povos e dos dons da criação, são mais que suficientes para o desenvolvimento integral de “todos os homens e do homem todo”⁴. Mas o problema é outro. Existe um sistema com outros objetivos. Um sistema que, apesar de acelerar irresponsavelmente os ritmos da produção, apesar de implementar métodos na indústria e na agricultura que sacrificam a Mãe Terra na ara⁵ da “produtividade”, continua a negar a milhares de milhões de irmãos os mais elementares direitos econômicos, sociais e culturais. Este sistema atenta contra o projeto de Jesus, contra a Boa Nova que Jesus trouxe.

A justa distribuição dos frutos da terra e do trabalho humano não é mera filantropia. É um dever moral. Para os cristãos, o encargo é ainda mais forte: é um mandamento. Trata-se de devolver aos pobres e às pessoas o que lhes pertence. O destino

⁴ PAULO VI, Carta encíclica *Popolorum progressio*, 14.

⁵ Altar de sacrifícios. (N. do E.)

universal dos bens não é um adorno retórico da doutrina social da Igreja. É uma realidade anterior à propriedade privada. A propriedade, sobretudo quando afeta os recursos naturais, deve estar sempre em função das necessidades das pessoas. E estas necessidades não se limitam ao consumo. Não basta deixar cair algumas gotas, quando os pobres agitam este copo que, por si só, nunca derrama. Os planos de assistência que acodem a certas emergências deveriam ser pensados apenas como respostas transitórias, conjunturais. Nunca poderão substituir a verdadeira inclusão: a inclusão que dá o trabalho digno, livre, criativo, participativo e solidário.

E, neste caminho, os movimentos populares têm um papel essencial, não apenas exigindo e reclamando, mas fundamentalmente criando. Vós sois poetas sociais: criadores de trabalho, construtores de casas, produtores de alimentos, sobretudo para os descartados pelo mercado global.

Conheci de perto várias experiências, na quais os trabalhadores, unidos em cooperativas e outras formas de organização comunitária, conseguiram criar trabalho onde só havia sobras da economia idólatra. E vi que alguns estão aqui. As empresas recuperadas, as feiras francas e as cooperativas de catadores de papelão são exemplos desta economia popular que surge da exclusão e que, pouco a pouco, com esforço e paciência, adota formas solidárias que a dignificam. E quão diferente é isso do fato de os descartados pelo mercado formal serem explorados como escravos!

Os governos que assumem como própria a tarefa de colocar a economia ao serviço das pessoas devem promover o fortalecimento, melhoria, coordenação e expansão destas formas de economia popular e produção comunitária. Isto implica melhorar os processos de trabalho, prover de adequada infraestrutura e garantir plenos direitos aos trabalhadores deste setor alterna-

tivo. Quando Estado e organizações sociais assumem, juntos, a missão dos “3 T”, ativam-se os princípios de solidariedade e subsidiariedade que permitem construir o bem comum numa democracia plena e participativa.

3.2. A segunda tarefa é unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça

Os povos do mundo querem ser artífices do seu próprio destino. Querem caminhar em paz para a justiça. Não querem tutelas nem interferências, por meio das quais o mais forte subordina o mais fraco. Querem que a sua cultura, o seu idioma, os seus processos sociais e tradições religiosas sejam respeitados. Nenhum poder efetivamente constituído tem direito de privar os países pobres do pleno exercício da sua soberania e, quando o fazem, vemos novas formas de colonialismo que afetam seriamente as possibilidades de paz e justiça, porque “a paz funda-se não só no respeito pelos direitos do homem, mas também no respeito pelo direito dos povos, sobretudo o direito à independência”.⁶

Os povos da América Latina alcançaram, com um parto doloroso, a sua independência política e, desde então, viveram já quase dois séculos de uma história dramática e cheia de contradições procurando conquistar uma independência plena.

Nos últimos anos, depois de tantos mal-entendidos, muitos países latino-americanos viram crescer a fraternidade entre os seus povos. Os governos da região juntaram seus esforços para fazer respeitar a sua soberania, a de cada país e a da região como um todo que, de forma muito bela como faziam os nossos antepassados, chamam a “Pátria Grande”. Peço-vos, irmãos e

⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 157.

irmãs dos movimentos populares, que cuidem e façam crescer esta unidade. É necessário manter a unidade contra toda a tentativa de divisão, para que a região cresça em paz e justiça.

Apesar destes avanços, ainda subsistem fatores que atentam contra este desenvolvimento humano equitativo e reduzem a soberania dos países da “Pátria Grande” e de outras latitudes do Planeta. O novo colonialismo assume variadas fisionomias. Às vezes, é o poder anônimo do ídolo dinheiro: corporações, credores, alguns tratados denominados “de livre comércio” e a imposição de medidas de “austeridade” que sempre apertam o cinto dos trabalhadores e dos pobres. Os bispos latino-americanos denunciam-no muito claramente, no Documento de Aparecida, quando afirmam que “as instituições financeiras e as empresas transnacionais se fortalecem a ponto de subordinar as economias locais, sobretudo debilitando os Estados, que aparecem cada vez mais impotentes para levar adiante projetos de desenvolvimento a serviço de suas populações”.⁷ Noutras ocasiões, sob o nobre disfarce da luta contra a corrupção, o narcotráfico ou o terrorismo – graves males dos nossos tempos que requerem uma ação internacional coordenada – vemos que se impõem aos Estados medidas que pouco têm a ver com a resolução de tais problemáticas e muitas vezes tornam as coisas piores.

Da mesma forma, a concentração monopolista dos meios de comunicação social que pretende impor padrões alienantes de consumo e certa uniformidade cultural é outra das formas que adota o novo colonialismo. É o colonialismo ideológico. Como dizem os bispos da África, muitas vezes pretende-se converter

⁷ V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE (2007), Documento de Aparecida, 66.

os países pobres em “peças de um mecanismo, partes de uma engrenagem gigante”.⁸

Temos de reconhecer que nenhum dos graves problemas da humanidade pode ser resolvido sem a interação dos Estados e dos povos em escala internacional. Qualquer ato de envergadura realizado numa parte do Planeta repercute-se no todo em termos econômicos, ecológicos, sociais e culturais. Até o crime e a violência se globalizaram. Por isso, nenhum governo pode atuar à margem de uma responsabilidade comum. Se queremos realmente uma mudança positiva, temos de assumir humildemente a nossa interdependência. Mas interação não é sinônimo de imposição, não é subordinação de uns em função dos interesses dos outros. O colonialismo, novo e velho, que reduz os países pobres a meros fornecedores de matérias-primas e mão de obra barata, gera violência, miséria, emigrações forçadas e todos os males que vêm juntos... precisamente porque, ao pôr a periferia em função do centro, nega-lhes o direito a um desenvolvimento integral. E isto, irmãos e irmãs, é desigualdade, e a desigualdade gera violência que nenhum recurso policial, militar ou dos serviços secretos será capaz de deter.

Digamos, assim, NÃO às velhas e novas formas de colonialismo. Digamos SIM ao encontro entre povos e culturas. Bem-aventurados os que trabalham pela paz.

E, aqui, quero deter-me num tema importante. É que alguém poderá, com direito, dizer: “quando o Papa fala de colonialismo, esquece-se de certas ações da Igreja”. Com pesar, vo-lo digo: cometeram-se muitos e graves pecados contra os povos nativos da América, em nome de Deus. Reconheceram-no os

⁸ JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Africa* (14 de Setembro de 1995), 52: AAS 88 (1996), 32-33. Cf. *idem*, Carta encíclica *Sollicitudo rei socialis* (30 de dezembro de 1987), 22: AAS 80 (1988), 539.

meus antecessores, afirmou-o o Celam e quero reafirmá-lo eu também. Como São João Paulo II, peço que a Igreja “se ajoelhe diante de Deus e implore o perdão para os pecados passados e presentes dos seus filhos”.⁹ E eu quero dizer-vos, quero ser muito claro, como foi São João Paulo II: peço humildemente perdão, não só para as ofensas da própria Igreja, mas também para os crimes contra os povos nativos durante a chamada conquista da América. E junto com este pedido de perdão, e para ser justos também, quero que lembremos a milhares de sacerdotes, bispos, que fizeram oposição à lógica da espada com a força da Cruz. Houve pecado, e pecado abundante, mas não pedimos perdão no passado. Por isso agora pedimos perdão, e peço perdão; mas também lá, onde houve pecado, onde abundou o pecado, superabundou a graça através destes homens que defenderam a justiça dos povos originários.

Peço-vos também a todos, crentes e não crentes, que se recordem de tantos bispos, sacerdotes e leigos que pregaram e pregam a Boa Nova de Jesus com coragem e mansidão, respeito e em paz – falei dos bispos, sacerdotes e leigos, mas não quero esquecer-me das freirinhas que caminham anonimamente nos vossos bairros pobres levando uma mensagem de paz e de bem; que, na sua passagem por esta vida, deixaram impressionantes obras de promoção humana e de amor, pondo-se muitas vezes ao lado dos povos indígenas ou acompanhando os próprios movimentos populares mesmo até ao martírio. A Igreja, os seus filhos e filhas, fazem parte da identidade dos povos na América Latina. Identidade que alguns poderes, tanto aqui como noutros países, se empenham por apagar, talvez porque a nossa fé é revolucionária, porque a nossa fé desafia a tirania do ídolo dinheiro. Hoje vemos, com horror, como no Oriente Médio e

⁹ JOÃO PAULO II, Bula *Incarnationis mysterium*, 11.

em outros lugares do mundo se persegue, tortura, assassina a muitos irmãos nossos pela sua fé em Jesus. Isso também devemos denunciá-lo: dentro desta terceira guerra mundial em parcelas que vivemos, há uma espécie de – forço um pouco a expressão – genocídio em curso que deve cessar.

Aos irmãos e irmãs do movimento indígena latino-americano, deixem-me expressar a minha mais profunda estima e felicita-los por procurarem a conjugação dos seus povos e culturas segundo uma forma de convivência, a que eu chamo poliédrica, na qual as partes conservam a sua identidade construindo, juntas, uma pluralidade que não atenta contra a unidade, mas fortalece-a. A sua procura desta interculturalidade que conjuga a reafirmação dos direitos dos povos nativos com o respeito à integridade territorial dos Estados enriquece-nos e fortalece-nos a todos.

3.3. A terceira tarefa, e talvez a mais importante que devemos assumir hoje, é defender a Mãe Terra

A casa comum de todos nós está a ser saqueada, devastada, vexada impunemente. A covardia em defendê-la é um pecado grave. Vemos, com crescente decepção, sucederem-se uma após outra cúpulas internacionais sem qualquer resultado importante. Existe um claro, definitivo e inadiável imperativo ético de atuar que não está a ser cumprido. Não se pode permitir que certos interesses – que são globais, mas não universais – se imponham, submetendo Estados e organismos internacionais, e continuem a destruir a criação. Os povos e os seus movimentos são chamados a clamar, mobilizar-se, exigir – pacífica mas tenazmente – a adoção urgente de medidas apropriadas. Peço-vos, em nome de Deus, que defendais a Mãe Terra. So-

bre este assunto, expressei-me devidamente na carta encíclica *Laudato si*.¹⁰

4

Para concluir, quero dizer-lhes novamente: o futuro da humanidade não está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. Está, fundamentalmente, nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e também nas suas mãos que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança. Estou convosco. Digamos juntos do fundo do coração: nenhuma família sem teto, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade, nenhuma criança sem infância, nenhum jovem sem possibilidades, nenhum idoso sem uma veneranda velhice. Continuai com a vossa luta e, por favor, cuidai bem da Mãe Terra. Acreditai em mim, e sou sincero, de coração vos digo: rezo por vós, rezo convosco e quero pedir a nosso Pai Deus que vos acompanhe e abençoe, que vos cumule do seu amor e defenda no caminho concedendo-vos, em abundância, aquela força que nos mantém de pé: esta força é a esperança, a esperança que não decepciona. E peço-vos, por favor, que rezeis por mim. E se algum de vós não pode rezar, com todo o respeito, peço-te que me tenha em teus pensamentos e mande uma boa “onda”. Obrigado!

¹⁰ Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum (24 de maio de 2015).

O HOMEM NOVO SE CONSTRÓI PELA PRÁXIS

HUGO CHÁVEZ¹

Alô Presidente n. 268. Hoje é segunda-feira, 26 de fevereiro de 2007. Boa tarde. Seis da tarde e cinco minutos, segundo meu relógio. Como estão vocês, lá nos Andes, nas montanhas, lá nos rios do Sul, nas planícies do Sul, lá no Orinoco? Por lá, Nueva Esparta, de Margarita, Coche, como estão meus amigos? Como está a gente do Oriente? Como estão os zulianos? Saudações aos larenses, a todo o povo venezuelano. Lá, em Los Roques, por todo lugar se ouve *Alô Presidente*.

Estamos revendo os primeiros indicadores de audiência do nosso programa *Alô Presidente* e são muito altos. *Alô Presidente*: certamente, o principal programa de rádio e televisão da Venezuela.

Comecemos, pois, por lá, Bolívia. Conversávamos com Evo Morales² há uns minutos, aqui mesmo. Chamamos Evo em plena reunião. Temos visto imagens de televisão, temos recebido notícias da Bolívia, na verdade é uma grande crise, uma grande tragédia natural. O fenômeno “El Niño” continua açoitando

¹ Transcrição do programa de rádio e TV *Alô, Presidente*, edição n. 268, transmitido do Palácio Miraflores, em 26 de fevereiro de 2007. (N. E.)

² Presidente da Bolívia. (N. E.)

nossos povos com terríveis inundações, com quilômetros e quilômetros de destruição, algumas pessoas desaparecidas, mortas; povos inteiros debaixo d'água, milhares de cabeças de gado perdidas e outras correm grave risco, porque a água continua subindo; cidades muito grandes estão ameaçadas, agora, pelo avanço das águas.

Assim que nós assumimos, temos enviado, mesmo desde o primeiro dia, nossa ajuda humanitária. Mas, hoje, tomamos a decisão de desenvolvê-la, e assinamos um conjunto de documentos.

Aprovamos o envio de um conjunto maior de ajuda humanitária, e uma brigada, levada pelo ministro Carreño para a Bolívia – para fazer presença – um grande grupo de militares da brigada humanitária, engenheiros, socorristas, voluntários, Proteção Civil (PC), grupos de Proteção Civil que têm se oferecido como voluntários; primeiro, estamos fazendo uma doação em recursos financeiros no dia de hoje, de cerca de 5 milhões de dólares, para, precisamente, a manutenção da nossa brigada na Bolívia.

Enviaremos cinco helicópteros, incluindo uma esquadra de helicópteros russos – recentemente chegados – e de helicópteros Alouette, de fabricação francesa, que nós vínhamos encaminhando para doá-los à Bolívia, e estamos doando. Sairão em um avião Hércules, desmontados, lá serão montados. E esses dois helicópteros se tornarão parte dos recursos do governo da Bolívia, do povo da Bolívia.

Usinas de energia, lanchas, e, certamente alimentos, medicamentos; um grupo do Batalhão 51. Devo dizer que me sinto muito orgulhoso do Batalhão 51: os médicos venezuelanos formados em Cuba e um grupo de médicos de outros países, diversos países do continente, da América Latina, que estão aqui, na Venezuela – vocês sabem –, em territórios das fronteiras. Bom, todos os jovens se ofereceram como voluntários

para ir à Bolívia. Portanto, irá um grupo do Batalhão 51. Vamos aplaudir estes voluntários, verdadeiros revolucionários.

(...)

ALBA

Nosso compromisso é com os povos, em primeiro lugar, a integração dos povos; e essa é a alma da Alternativa Bolivariana para os Povos de Nossa América (Alba). Falando da Alba, hoje se instalou em Havana a Comissão Mista, a VII Comissão Mista Cuba-Venezuela rumo à Alba, na construção da Alba; assim, um grupo de ministros, encabeçados pelo ministro Rafael Ramírez, já está em Havana; e convidamos um conjunto de instituições, representantes de empresas estatais e privadas, para continuar fortalecendo a relação Cuba-Venezuela e a construção da Alba.

E, na próxima semana, em Manágua, faremos a reunião da Comissão Mista Nicarágua-Venezuela, igualmente para a construção da Alba. O império estadunidense fracassará – assim eu tenho dito e continuarei dizendo – no empenho de isolar a Venezuela. Não se pode isolar a Venezuela. A nossa política internacional está baseada na cooperação, na solidariedade, na fraternidade verdadeira; e isso ninguém nos tomará, ninguém nos tomará.

Certamente, devo informar que estamos coordenando com Cuba o apoio à Bolívia, e logo chegarão – nas próximas horas – aviões de Cuba na Venezuela, aviões de grande capacidade de transporte para se somarem aos nossos nesta ponte aérea que começamos a instalar entre Caracas e La Paz, entre Venezuela e Bolívia.

(...)

É certo que este tema que tratam, a Alba e a Alca, é uma realidade: a Alca terminou sepultada no Mar del Plata³ e a Alba

³ Refere-se à IV Cúpula das Américas, encontro entre os presidentes latino-americanos, em Mar del Plata, Argentina, em 2005, quando a proposta

só cresce, não somente na esfera dos governos, na esfera dos povos; já chegou-me, aqui, a proposta de um grupo de movimentos, como o Movimento dos Sem Terra, a Via Campesina e muitos outros, que querem fazer um evento internacional sobre a Alba, e estabelecer convênios de cooperação, como o que nós já temos com os Sem Terra, por exemplo, ou com a Via Campesina, ou com alguns governos municipais, estaduais e federais de países amigos do Caribe, América do Sul, América Central; a Alba é, portanto, a alternativa bolivariana para nossos povos.
(...)

HOMEM E MULHER NOVOS

Falando do novo homem e da nova sociedade, certamente quero saudar, aqui, o monsenhor Mario Moronta, pelo lançamento de uma carta pastoral que – acredito – todos os venezuelanos devam ler. Em boa hora, monsenhor, derrama-me a benção! Bom amigo.

Eu conheci Mario Moronta na prisão, quando nos visitava, foi ele que me ensinou sobre isto, o escapulário. Foi em Yare⁴ que eu perguntei-lhe: “Veja, Moronta, monsenhor, o que é este símbolo que está aqui?” Então ele me explicou: “Este é o escapulário de Pedro Pérez Delgado, é a Cruz dos Guerreiros da Virgem de Carmen, pois é a virgem dos guerreiros, é uma cruz de espadas; e na outra parte, que protege as costas, está o outro símbolo. Isto que está aqui” – me explicava ele –, “lá em Yare, veja, aqui, estão os louros da vitória, símbolo também da Virgem de Carmen”.

estadunidense de constituição de uma Área de Livre Comércio (Alca) foi derrotada pela posição dos presidentes e pelas manifestações populares. (N. E.)

⁴ A prisão de Yare, como é conhecida a Prisão de São Francisco de Yare, é um centro penitenciário do município Simon Bolívar, do Estado Miranda, onde foram presos os rebeldes militares, dentre eles Hugo Chávez. (N. E.)

Bem, Mario Moronta, em boa hora. Não vou ler tudo, porque é longo, mas é preciso lê-la, inclusive deveríamos publicá-la: “Carta pastoral de monsenhor Moronta ao presbitério, povo de Deus e pessoas de boa vontade. Saúde e paz no Senhor”.

“Prestar atenção aos sinais dos tempos”, assim começa a pastoral. E o ponto 2 diz o seguinte:

Os povos de Venezuela e de toda América Latina vivem momentos de esperança e impulsionam importantes processos de mudança. Uma boa parte desse povo alimenta sua esperança na fé em Jesus Cristo feito homem entre os pobres da Terra. A Igreja Católica, comunidade dos seguidores de Jesus Cristo, enviada a anunciar e dar testemunho da boa notícia em cada um dos momentos da história humana, quer acolher os sinais deste tempo e realizar sua missão na fidelidade a quem nos tem convocado.

É muito importante que isto seja dito por um bispo venezuelano, além do seu caráter, não é qualquer bispo, com o respeito que merecem todos os bispos; se trata de um especial, e o povo sabe, porque o povo venezuelano há muitos anos tem acompanhado Mario Moronta, quando era bispo auxiliar aqui em Caracas, creio que o era quando nos conhecemos; estava aqui, em Caracas, Mario Moronta, em 4 de fevereiro, e lembro que foi um dos mediadores para evitar a maior violência naquelas horas, e depois que estávamos presos, quando queriam nos violar, foi um dos que estavam ao lado dos presos, dos familiares que chegavam a pedir a bênção, a pedir a ajuda espiritual e também ajuda pessoal, a solidariedade na luta contra as injustiças.

Depois, foi a Yare, ele e outros sacerdotes que iam celebrar uma missa. Quando, por fim, o proibiram de entrar em Yare, eliminaram até a missa para nós, porque diziam que os sacerdotes eram os contatos com os grupos subversivos. Depois mandaram Moronta para Los Teques e, agora, está em San Cristóbal, há vários anos.

Ponto 2. Continuo lendo a pastoral de monsenhor Mario Moronta. Creio que esta pastoral é histórica, ficará escrita nas páginas da história, e creio que levanta a dignidade de nossa Igreja Católica:

Desde há algum tempo se tem anunciado a implementação de um projeto sociopolítico, denominado ‘socialismo do século XXI’. Tanto o presidente da República como os porta-vozes do governo o tem anunciado claramente. Estão nos convidando para o desenho do dito modelo, com a discussão e aposta em comum de reflexões e pontos de vista. Segundo o que tem aparecido nos órgãos de comunicação social, o debate está aberto. Nesta perspectiva, consideramos que a Igreja tem uma palavra a dizer, enraizada em sua doutrina social e com embasamento na palavra de Deus; por ele, temos considerado oportuno, conveniente e necessário apresentar, ao povo de Deus e às pessoas de boa vontade, algumas reflexões que permitam ter muito claro a visão da Igreja e a contribuição que podemos e devemos oferecer à discussão sobre o socialismo do século XXI. Nessa dinâmica democrática em que podem fazer suas contribuições, numa posição racional, propiciam formas distintas, ou representam a oposição política ao atual governo.

Mario, ainda quando o comum e o corrente é que você nos dê a benção, eu estou certo que recolho esta frase do povo venezuelano: “Que Deus o abençoe”. E reconheço tua coragem. Um bispo de Táchira lançou esta pastoral, é preciso analisá-la, não a li completamente, mas devo lê-la, nesta noite, vou lê-la e analisá-la. Mais à frente, diz:

Se bem que diversos porta-vozes desta tendência tem assinalado que o desenho deste modelo de socialismo do século XXI é tarefa de todos os cidadãos, é importante garantir tanto a participação livre na discussão e tomada de decisões sobre sua estrutura, como a criação de um modelo que não se limite a impor a vontade da maioria, senão que integre as ideias das minorias, de forma tal que o sistema político que se derive conte com a legitimidade necessária para assentar e consolidar as bases da convivência pacífica de toda a cidadania.

Totalmente de acordo. E acrescenta:

Corresponde ao próprio presidente da República e às organizações que propiciam este modelo criar as condições para o encontro de

todos os venezuelanos e de todas as tendências – sem exclusões – no processo de desenhar e colocar em prática o modelo político que melhor garanta o bem comum.

Isso – acrescento eu – não é senão o socialismo; porque o capitalismo garante o mal comum, o mal para as maiorias; e se, por acaso, uma minoria viver bem, pretender viver bem no capitalismo, no final, também terá deteriorado suas condições de vida, porque a tragédia arrasta povos inteiros. “Não se pode construir ilhas”, alguém disse uma vez.

Estando nós – creio eu – na prisão, li um artigo comentando as rebeliões de 4 de fevereiro.⁵ No dia 27 de fevereiro, amanhã, completa mais um aniversário, o número 18 do início da Revolução Bolivariana.

O povo caraquenho, o povo de Guarenas, o povo de Guatire, e muitos outros povos que logo seguiram o exemplo que Caracas deu, iniciaram o 27 de fevereiro, um dia como amanhã que completa 18 anos, a Revolução Bolivariana, porque o 27 de fevereiro⁶ – eu sempre tenho dito – disparou a rebelião patriótica militar de 4 de fevereiro de 1992.

⁵ Rebelião militar, também chamada Operação Ezequiel Zamorra, ocorrida em 1992, em que militares rebeldes, liderados por Chávez, tentaram destituir o presidente Carlos Andrés Perez, alinhado aos Estados Unidos e responsável por políticas neoliberais de repressão e crise econômica. A rebelião fracassou e levou a prisão de seus líderes, anistiados anos mais tarde. A popularidade recebida por Chávez no episódio alavancou sua candidatura e primeira eleição para a Presidência da República seis anos depois.

⁶ Rebelião popular espontânea ocorrida em Caracas em 1989, também conhecida como “Caracaço”, quando milhões de pessoas foram às ruas em protesto contra a crise econômica e o governo de Carlos Andrés Perez. Chávez era parte dos militares que se recusaram a reprimir os manifestantes. Diante da violência como o protesto foi recebido, Chávez e outros militares fundaram o Movimento Bolivariano Revolucionário-200 (MBR-200) que organizaria a rebelião de 1992.

E a rebelião de 4 de fevereiro disparou a de 27 de novembro,⁷ as três grandes rebeliões de final do século, que partiram em dois a história. Mas, a primeira delas, a que deu força às demais, a que lhes deu combustível, impulso, a que motorizou foi, sem dúvida, a rebelião popular de 27 de fevereiro de 1989. Rendo tributo aos mártires daquela jornada.

Escreveu uma venezuelana – creio que do exterior – do bem-estar de uma minoria rodeada de mal-estar da maioria. Bom, então, dizia esta pessoa que alguns venezuelanos pensaram que era possível viver num paraíso rodeado de inferno. O paraíso – sem dúvida – são esses lugares onde a gente vive economicamente muito bem, com muitíssimas comodidades, mas rodeados de um submundo de miséria, isso é impossível; o mesmo dizia Aristóteles; inclusive o explicava matematicamente. Um país onde há uma grande quantidade de pobres, onde a pobreza cresça e cresça, e a extrema riqueza se reduza a uma minoria, isso vai explodir; é matematicamente impossível, porque a massa, e ele pensava matematicamente, a massa, a somatória de pobres e de gente vivendo na miséria, algum dia, passará por cima da minoria que vive na opulência. É insustentável esse modelo. Esse é o capitalismo. Somente no socialismo, que este reino de Deus, aqui na Terra, pode mudar; o que Mario Moronta aqui chama de “o modelo político que melhor garanta o bem comum”.

Mais a frente, disse Mario, monsenhor Moronta:

Um modelo próprio para a Venezuela, atual e futura, pode encontrar sua força nas políticas públicas orientadas na superação da pobreza, em que as mesmas pessoas afetadas por ela sejam protagonistas de sua libertação com apoio do Estado e da sociedade civil.

⁷ Revolta civil-militar, ocorrida em 1992, meses depois da operação Ezequiel Zamorra. Além da deposição do presidente Carlos Andrés Pérez, exigiam a libertação de Chávez e dos rebeldes presos em fevereiro.

É com isto que nós caminhamos. E temos dito de outra maneira: “Se queremos acabar com a pobreza, damos poder aos pobres; que o homem e a mulher se convertam em atores, é a democracia protagonizadora”, monsenhor, como você bem sabe.

Enfim, aqui diz monsenhor, mais adiante: “A Igreja não é um agente político”. Ponto 6:

Pedimos aos sacerdotes, em especial aos párocos, aos religiosos e às religiosas, assim como aos laicos que estão comprometidos na ação evangelizadora da Igreja, que facilitem a todos o estudo e a reflexão acerca deste tema, em suas diversas comunidades e instituições.

E, agora – acrescento eu – não comecem a metralhá-lo, não comecem a satanizá-lo dizendo que é a cópia do modelo marxista-leninista, castrista, e comecem a inventar mentiras de todo tipo; que cada um terá apenas uma muda de roupa, que vamos chegar a um racionamento de alimentos, que vamos proibir o beisebol profissional; inventam sobre tudo. Monsenhor Moronta faz um chamado para que todos facilitem o estudo e a reflexão acerca deste tema, em suas diversas comunidades e instituições.

Quando o ministro Adán Chávez disse que nas Missões e nas escolas seria estudado o tema, não quer dizer que vamos impor um videocassete para as crianças e os jovens. Não! Mas há que dar aos jovens, sobretudo do ensino médio, de um jovem no quarto ou quinto ano de bacharelado – sobretudo – e, especialmente, nas universidades, e nas fábricas, nas Missões – Missão Moral e Luzes, a Missão Robinson, Ribas, Vuelvan Caras, a Missão Sucre⁸ – e na educação formal das instituições

⁸ Missões são programas sociais organizados pelo governo venezuelano e apoiados pelas comunidades em diferentes áreas como educação popular (Moral e Luzes), alfabetização (Robinson), educação básica de jovens e adultos (Ribas), inclusão econômica (“Vuelvan Caras”) e educação universitária (Sucre). (N. E.)

públicas e também das privadas; deveriam explicar-lhes bem para toda gente o que é o socialismo e o que é o capitalismo, sem manipulação de nenhum tipo. E, depois, bem, veremos, que cada um escolha, mas de maneira leal, de maneira sincera.

E, por exemplo, me sinto muito feliz de que, apesar de todas as tentativas lançadas por alguns meios de comunicação e alguns formadores de opinião para satanizar e para confundir, porque hoje em dia, sem dúvida, segundo muitas pesquisas de opinião, já mais da metade dos venezuelanos, quando lhes perguntam se preferem o capitalismo ou o socialismo, dizem o socialismo. Mas deve chegar o dia em que essa porcentagem será esmagadora, porque é o único caminho para a dignidade do ser humano, não há outro. Bem, o outro caminho é o caminho do inferno, o capitalismo é o caminho das privatizações.

Me dizia o ministro da Saúde, ontem à noite depois de trabalhar durante a tarde inteira e toda a noite, revisando as missões sociais, fortalecendo os planos, preparando planos que anunciaremos em breve: “Veja o Centro de Alta Tecnologia, que inauguramos em Chuao que, há vários meses, alguns diziam que não daria em nada”. Não vai dar em nada? Entre outras coisas, foi preciso suspender o funcionamento do tomógrafo, porque, assim como um avião que tem horas de voo e quando chega ao limite é preciso pará-lo, esses equipamentos também têm uma quantidade de horas de trabalho que logo obrigam a fazer uma manutenção para garantir a qualidade; são tomógrafos extraordinários; bem, foi necessário desligar o tomógrafo lá em Chuao para sua manutenção, pois bateu recorde pela quantidade de pessoas que utilizaram esse Centro de Alta Tecnologia, fazendo tomografias e muitos outros exames. Bem, por isso digo, na medida em que nosso povo vai se dando conta do que é o

socialismo, inclusive as classes médias e algumas pessoas da classe alta – me atrevo a pensar –; e sobre toda fórmula do socialismo venezuelano do século XXI, ao que como bem reconhece monsenhor Moronta, estou chamando, estamos chamando a construí-lo, estou certo que se entusiasmarão.

Há pouco, eu li o que disse este jovem empresário, Alberto Vollmer, que recebeu um prêmio mundial – creio que lá, em Davos, o anunciaram: “nos acostumemos...” – algo dito assim, ao menos é o que eu li em alguma publicação – “... a viver com o socialismo”. Alberto Cudemus, empresário, presidente da Federação Suína da Venezuela, membro da Federação de Câmaras e Associações de Comércio e Produção da Venezuela (Fedecâmara), disse há pouco, se eu ouvi foi porque foi em um ato em minha presença: “Não temos medo do socialismo”.

Portanto, vamos construí-lo, que nada deixe criar fantasmas na cabeça. Por quem? Por aqueles que querem que a Venezuela continue, como vinha, tomada pela miséria. Bem, notem como é todo o conjunto da pastoral de Moronta.

O Ponto 12 diz:

E, em função de alguns valores superiores, como o bem comum ou o pleno desenvolvimento de todo homem, e de todos os homens, segundo a feliz expressão da Encíclica *Popularum Progressio*, de João Paulo II.

A pessoa humana realiza muitos compromissos. O ponto 16 diz: “No propósito de edificar uma nova sociedade na Venezuela do século XXI que parta do respeito da dignidade da pessoa humana, se reconhece, ao mesmo tempo, a sociabilidade humana”. Sociabilidade humana, no meu ponto de vista, só é possível no socialismo. Mais adiante, diz o monsenhor Moronta, no mesmo ponto 16: “Nesta perspectiva, se entende que a vida comunitária é uma característica natural, que distingue o homem do restante das criaturas terrenas”. Isto é certo.

Como viviam os cristãos primitivos? Está nas antigas escrituras. Em muitas referências históricas, como viviam nossos antepassados primitivos (aborígenes), aqui? Viviam em comunidade, na vida comunitária, a sociabilidade. “A opção preferencial pelos pobres”, diz mais adiante. “Jesus, o Messias, que viveu pobre entre os pobres”. Jesus, padre redentor, a pastoral social, os crentes em Cristo, a opção pelos pobres.

O ponto 25 volta a insistir na opção preferencial pelos pobres, a Venezuela torna-se uma chamada para a abertura de novos horizontes de esperança: “O novo homem!” – disse Moronta no ponto 27 –

A imagem bíblica do novo homem sintetiza o que se pretende com a gestação da nova sociedade. Graças a sua páscoa redentora, Jesus abriu as portas para a humanidade caminhar para o novo. De fato, o novo homem não é fruto de ações sociais, econômicas, culturais ou políticas ainda que elas devam contribuir para isso, o novo homem é, antes, fruto da libertação realizada por Jesus Cristo.

Acrescento que esta libertação deve concretizar-se nos fatos reais, no social, no econômico, no político, para que seja, verdadeiramente, o novo homem, vivendo num novo mundo, em uma nova sociedade. Isto é o socialismo.

“Bem-aventurados os pobres, porque deles será o Reino dos Céus”. E termina, mais adiante, dizendo:

Toda proposta de renovação da sociedade venezuelana no século XXI deve ter muito em conta o protagonismo da pessoa humana, e também fazê-la sentir que é construtora de seu próprio destino, para que essa pessoa tenha consciência de que se é irmã de outra pessoa, e da necessidade de participar ativamente segundo as suas próprias capacidades. Como se define o novo homem.

O novo homem. Vejam, o Che Guevara. Estou lendo este livro, dedicando-lhe horas: *Apontamentos críticos da Economia Política*, de Ernesto Guevara. O novo homem. Agora, o novo homem tem que ser criado na práxis. Jesus – no meu ponto de

vista muito modesto, de cristão que sou, católico – proclama o novo homem, mas o homem deve ser construído, e se constrói na realidade, não basta a proclamação do novo homem, não basta. É preciso construí-lo, mas quem construirá o novo homem? O próprio homem, portanto, nós mesmos. Através do quê? Da práxis humana, do humanismo, da solidariedade, do estudo da moral, das luzes, o novo homem.

Comprometo-me com o senhor Moronta, não sei se em São Cristóbal ou aqui, ou onde seja, monsenhor, vamos conversar, debater em particular e, se quiser, também em público. Sacerdotes do país: vamos, evangélicos, cristãos, jovens, donas de casa, empresários, militares! Vamos, todos: socialismo, o novo homem, o bem comum, a opção pelos pobres, a sociedade de iguais.

(...)

Bem, sempre havia leitura na Academia Militar, como havia na igreja, e eu gostava de ir até lá para ler, ler com o vigário, porque os vigários têm uma boa formação, não? Acadêmica, teológica, intelectual; e sempre falar com um vigário é falar com uma pessoa que lê muito, estuda muito, independentemente de suas orientações ideológicas, filosóficas. Então, esse livro me foi dado por um bom vigário, durante esses anos. A verdade é que não me recordo de seu nome, mas era assistente do monsenhor Manzanares. Um dia, ele me ouviu falar com o monsenhor Manzanares, perguntar pelos pobres, e me disse: “Pegue, cadete”. Depois, em alguma outra ocasião, me levou o livro de Teilhard de Chardin, *Evolução, marxismo e cristianismo*.

(...)

Vê? E uma das coisas que Teilhard dizia é que ele preferia falar com um marxista bom do que com um fascista; porque o marxista era, por natureza, bom de intenções. O socialista, o marxista, ele coloca na dimensão do mesmo caminho. Ele

disse: “Vamos no mesmo caminho, os marxistas e os cristãos”. É uma das grandes afirmações que você conhece melhor que eu, padre Vidal.

Eu acredito, compartilho o pensamento desse padre francês desde quando aprendi a conhecê-lo, desde quase criança, cadete, de 1º ou 2º ano, Teilhard de Chardin. Estou relendo-o no momento.

(...)

Agora, em uma sociedade, para que reine o amor, devemos nos ver todos como iguais, e não com esse espírito de caridade, muitas vezes cínico, de alguns setores abastados, que pretendem dar esmolas aos pobres, não? Se não, de verdade, a cooperação, a solidariedade, que venha da alma.

(...)

Michael Lebowitz, no livro *O socialismo não cai do céu*, nos convida a construir o socialismo e nos dá algumas orientações muito interessantes, muito interessantes. Seres humanos e socialismo. Não se pode construir o socialismo sobre os defeitos da nova sociedade, que nasce defeituosa. Sempre a nova sociedade nasce defeituosa, quer dizer, nasce com os vícios da velha sociedade; mas o socialismo, que é um processo de construção de longo prazo, deve ir eliminando ou vencendo, progressivamente, os defeitos dessa velha sociedade, que se infiltram na nova.

Aqui, Michael Lebowitz fala o seguinte: um só caminho, a própria prática. O que disse há pouco: a práxis revolucionária. A dialética entre teoria e práxis. Não nos deixemos ficar no debate puro, nas leituras, deve-se praticar, realizar a práxis revolucionária. O padre Vidal nos falava, comentava, que esteve na reunião de “Moral e Luzes”. Ele está incorporado à equipe, à Comissão Presidencial “Moral e Luzes”. Hoje, estavam ativando, em todo o país, a formação em cascata dos brigadistas “Moral e Luzes”. Em todos os Estados, isso agora é práxis revolucionária; não é

apenas com uma mente esclarecida, com uma boa teoria, mas sim na práxis é que se constrói o socialismo, o socialismo do século XXI.

Falando desse tema, me chegou este novo livro. Agora, estão saindo livros sobre o socialismo por todos os lados. Foi despertada uma inquietude no mundo, quando se acreditava já perdido o socialismo, ficou para a história. Não! Não!

Aqui, me chega através de um amigo, Batista – obrigado, Freddy –, com um cartãozinho, este presente e este livro. Este presente, este livro *O caminho do socialismo quântico*,⁹ este é outro socialismo. Bem, eu vou lê-lo, também. Vamos ver o que diz a dedicatória:

Ao companheiro presidente Hugo Chávez, com um abraço fraterno, de parte dos membros da equipe acadêmica do doutorado em Educação da Universidade de La Salle, Costa Rica. O presente trabalho é obra de um de nossos companheiros. Um cumprimento solidário, cheio de bons agouros para este maravilhoso processo revolucionário de nossos povos latino-americanos.

Quer dizer, há um conjunto de estudiosos, acadêmicos, escritores que agora se tem dado a tarefa de escrever sobre o socialismo, e isto é parte da construção do socialismo. Deve-se escrever, deve-se pensar, deve-se analisar, deve-se ler. Ele dedica o livro à memória de Albert Einstein, esse foi outro socialista. Albert Einstein, socialista, e eu dizia, o caminho é o socialismo, vamos na genialidade de Einstein.

Bolívar disse, lá em Angostura:¹⁰ nascemos desiguais, mas logo deve vir o Estado, através das leis, através da educação,

⁹ MONGE, Rolando Araya. *El camino del socialismo cuántico*. San José: Editorial Legado, 2013.

¹⁰ Histórico discurso de Simón Bolívar, em 15 de fevereiro de 1819, no Congresso de Angostura, após a conquista da independência da Venezuela e Colômbia, para construir as bases constitucionais das novas nações. (N. E.)

das artes e da indústria para gerar uma igualdade, chamada de igualdade social, a igualdade política; somente assim podemos viver e alcançar a maior soma de felicidade possível. Este livro é interessantíssimo, *O caminho do socialismo quântico*.

(...)

Aqui, há uma frase de Albert Einstein, vamos lê-la:

O ser humano é parte de um ninho, com uma limitação no tempo e no espaço, de tudo o que chamamos de universo. Pensa e sente por si mesmo, como se estivesse separado do resto, é como uma ilusão ótica da consciência. Essa ilusão é uma prisão que nos limita as decisões pessoais e o afeto das pessoas mais próximas. Deve-se transpor seus muros e ampliar esse círculo para abraçar a todos os seres vivos e a natureza em todo seu esplendor.

E, nestes dias, está se comemorando o aniversário de nascimento de Víctor Hugo.¹¹ Em 26 de fevereiro, um dia como hoje, em 1802, nasceu Víctor Hugo, o grande escritor francês, também socialista. Basta ver o pórtico de *Os miseráveis*, que aqui tenho, este livro maravilhoso; e, aqui, escreve Víctor Hugo um prólogo muito curto:

Enquanto por decorrência das leis e dos costumes existir uma condenação social, criando artificialmente, em plena civilização, infernos complicando o destino, que é divino, com uma humana fatalidade enquanto não se solucionarem os três problemas do século: a degradação do homem pelo pauperismo, a decadência da mulher pela fome, a atrofia da criança pelas trevas; tanto que em certas regiões seja possível a asfixia social; em outros termos e sob um ponto de vista ainda mais ampliado, enquanto existir ignorância e miséria sobre a Terra, livros como este poderiam não ser inúteis.

O grande Víctor Hugo escreveu isto em 1 de janeiro de 1862.

¹¹ Escritor francês (1802-1885), autor do romance *Os miseráveis*. Apesar da referência de Chávez, Víctor Hugo não compartilhava de posições políticas socialistas, com uma atuação mais próxima de uma democracia liberal. (N. E.)

Tudo isso é socialismo. O socialismo grita por todos os lados, é um clamor dos povos, de todos os grandes pensadores, desde Cristo. Cristo e o profeta Isaías clamavam pela igualdade, foram ao suplício muitos deles pela justiça, igualdade e liberdade, e isso – repito – só é possível no socialismo.

(...)

A contribuição de monsenhor Moronta é um esforço extraordinário para esse debate: o socialismo fundamentado na ideia cristã da redenção, da libertação do homem; isso deve ser um tema. Notem que a direita e alguns setores da extrema direita estão utilizando Cristo – já dizia o padre Vidal – como já utilizaram muitas vezes: “Não, é o pensamento social-cristão”.

E resulta que, por trás disso, se escondem os setores mais radicais da direita, em escala mundial, que não têm a opção pelos pobres, mas a opção pelos ricos; para eles, os pobres são instrumentos de exploração. Ao contrário, sob diversos pontos de vista eles são contrários ao verdadeiro pensamento cristão.

Quero insistir, jovens brigadistas, no socialismo indovenezuelano, o nosso socialismo. Há outra tese, há muitos outros temas do socialismo, mas não se esqueçam, ao menos, de minha modesta apreciação: indica que há que regar com a tese socialista todos os âmbitos da vida social: a moral, a ética socialista, a solidariedade, o amor entre nós. Logo, o socialismo do social: todos somos iguais, todos temos os mesmos direitos, não há privilégios de nenhum tipo.

A igualdade. Logo, o socialismo econômico, as forças de produção e a produção postas a serviço das necessidades dos seres humanos, e não ao serviço do lucro para as minorias, [gerando] o enriquecimento dessas minorias e o empobrecimento das maiorias. No plano político, do socialismo, que é a democracia profunda, a democracia participativa e protagonista, a democracia popular, a democracia revolucionária, um de cujos

máximos expoentes na Venezuela socialista em construção são os Conselhos Comunais. Logo, o socialismo territorial, a geografia radical, até lá inclusive chega ao socialismo, em todos os âmbitos da vida.

(...)

Muito obrigado. Nos despedimos de vocês (...), já são quase 8 da noite. *Alô Presidente* do dia de hoje foi um *Alô Presidente* bastante dinâmico. Continuamos trabalhando os temas do socialismo e vamos nos despedir com muita alegria, com uma canção de Violeta Parra, essa grande cantora de nossa América: “Gracias a la vida”.¹² Boa noite a todas, boa noite a todos. Mui-tíssimo obrigado, até mais, quer dizer, até amanhã.

Gracias a la vida que me ha dado tanto
me dio dos luceros que cuando los abro
perfecto distingo lo negro del blanco
y en el alto cielo su fondo estrellado
y en las multitudes el hombre que yo amo

Gracias a la vida que me ha dado tanto
me ha dado el sonido y el abecedario
con él las palabras que pienso y declaro
madre, amigo, hermano y luz alumbrando,
la ruta del alma del que estoy amando

Gracias a la vida que me ha dado tanto
me ha dado la marcha de mis pies cansados
con ellos anduve ciudades y charcos
playas y desiertos, montañas y llanos
y la casa tuya, tu calle y tu patio

¹² “Gracias a la Vida”, canção folclórica de autoria de Violeta Parra, foi interpretada e gravada pela compositora, em 1966, em Santiago, como expressão do movimento Nueva Canción Chilena (1960-1973), ao lado de músicos como Victor Jara, no contexto do governo popular de Allende.

Gracias a la vida que me ha dado tanto
me dio el corazón que agita su marco
cuando miro el fruto del cerebro humano
cuando miro el bueno tan lejos del malo
cuando miro el fondo de tus ojos claros

Gracias a la vida que me ha dado tanto
me ha dado la risa y me ha dado el llanto
así yo distingo dicha de quebranto
los dos materiales que forman mi canto
y el canto de ustedes que es el mismo canto
y el canto de todos que es mi propio canto

AS MULHERES NEGRAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA UTOPIA¹

ANGELA DAVIS²

A INVISIBILIDADE DA MULHER NEGRA

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Fundação Cultural Palmares pelo convite para participar desse maravilhoso encontro de mulheres negras, especialmente pelo prazer de poder homenagear Lélia Gonzalez³, fundadora do Grupo Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro. Penso que ela foi uma das figuras mais importantes do movimento negro no Brasil. Sinto-me privilegiada por estar aqui e compartilhar com vocês as nossas lutas, principalmente na medida em que estamos caminhando para o próximo milênio.

Nesse encontro vocês estão discutindo o tema da invisibilidade forçada da mulher negra. Eu sei como isso ocorre. Ao

¹ Conferência realizada em 13/12/1997, em São Luiz (MA), na 1ª Jornada Cultural Lélia Gonzalez, promovida pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão e pelo Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza.

² Professora e filósofa estadunidense. Integrante do Partido dos Panteras Negras na década de 1960.

³ Lélia Gonzalez (1935-1994), antropóloga, historiadora e filósofa. Filha de um ferroviário e de uma empregada doméstica, foi professora da PUC-RJ e fundadora do Movimento Negro Unificado (MNU), o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e Olodum.

mesmo tempo em que a mulher negra é considerada a mãe da cultura brasileira, ela é invisível. E vocês sabem que nos Estados Unidos as mulheres negras têm lutado há décadas para acabar com essa invisibilidade. Vejam os exemplos das escritoras negras contemporâneas como Toni Morrison⁴ e Alice Walker.⁵

Num certo sentido, já percorremos um longo caminho e, em outro, continuamos invisíveis. Eu faço parte de um comitê que indica pessoas para receberem o prêmio dado por uma entidade negra denominada Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (National Association for the Advancement of Colored People/NAACP) e fiquei assustada por encontrar dentre os premiados um número tão pequeno de mulheres negras.

Mesmo quando a gente olha a situação da mulher negra, em Hollywood, observamos que ela desempenha um papel que lembra a “Mãe Preta”. Os papéis desempenhados por Whoopi Goldberg⁶, por exemplo, quase sempre são de personagens que facilitam a relação entre pessoas brancas ou que iniciam crianças brancas na maturidade.

Um outro ponto que gostaria de abordar é o fato de que, quando as mulheres negras adquirem mais visibilidade, sempre se trata de mulheres de classe média. Gostaria de voltar ao século XIX, quando existiam clubes de mulheres negras que utilizavam o seguinte *slogan*: “Puxar para cima enquanto a gente avança”. Isso para explicar a relação atual entre as mulheres negras de classe

⁴ Escritora estadunidense, autora de diversos livros, como “Amada”, sobre a situação dos negros em seu país, em especial das mulheres, recebendo o Prêmio Nobel de Literatura em 1993.

⁵ Escritora e ativista feminista estadunidense, autora de romances consagrados como “A Cor Púrpura”, pelo qual venceu o Prêmio Pulitzer em 1983.

⁶ Atriz negra estadunidense, conhecida por papéis cômicos, mas também por sua participação no drama “A Cor Púrpura”, adaptação do romance de Alice Walker.

média e as pobres a partir de um novo projeto. Hoje, nos EUA, em função do crescente empobrecimento, as mulheres negras pobres são responsabilizadas pela sua própria miséria. As mães solteiras, geralmente, estão nos serviços da Previdência Social e são colocadas como as reprodutoras da pobreza e da marginalidade.

Gostaria também de compartilhar com vocês a ideia de um projeto que tem contado com a participação de várias mulheres negras. Ele reúne escritoras e cineastas que passaram a trabalhar juntamente com as mulheres mãe solteiras da Previdência Social. Essa união foi realizada porque acreditamos que algumas de nós ainda têm voz. Algumas de nós são mais visíveis, podem escrever e publicar, são jornalistas. E algumas de nós podem filmar documentários.

Então, as mulheres negras escritoras e cineastas se juntaram com as mães solteiras e essas passaram a contar sua história de vida, que é levada para a imprensa negra, para a revista *Black* e a imprensa em geral. Daí porque nós, mulheres de classe média, decidimos que temos responsabilidade com as mulheres vítimas da pobreza e que vamos puxá-las para cima, ser solidárias ou, como se diz no Brasil, “dar uma força”.

Um problema que temos enfrentado, atualmente, é o seguinte: na medida em que os negros ascendem socialmente, eles têm deixado para trás sua própria comunidade. Não querem estabelecer nenhuma relação com as mulheres negras da Previdência Social, nem ser relacionados às pessoas negras que estão na prisão. Porém, alguns de nós estão dizendo: “Eles são nossos irmãos, e se adquirimos um certo grau de visibilidade, foi em cima dos ombros daqueles que ficaram para trás”.

O LEGADO DO *BLUES* E A INFLUÊNCIA NEGRA

Como essa conferência está especificamente proposta para tratar da imagem da mulher negra na sua relação cultural, a

partir de agora falarei sobre uma pesquisa onde procuro resgatar a relação entre o cultural e o político⁷. Acho importante que a gente olhe para a história de uma maneira não ortodoxa. Quando se chamam hoje os nomes das nossas ancestrais feministas, percebemos que elas foram educadas, escolarizadas. Eram mulheres que podiam escrever. Elas organizaram vários clubes de mulheres no passado.

Mas o que aconteceu com as mulheres que não escreviam? O que aconteceu com a mulher pobre da classe trabalhadora? Existe alguma forma de recuperar a contribuição dessa mulher para o feminismo negro? Por isso, passei a olhar e analisar o *blues*, observei as mulheres cantoras de *blues* e me dei conta de que elas encontraram maneiras de conversar sobre o feminismo, falando, por exemplo, de sexualidade. Às mulheres de classe média não era permitido falar sobre sexualidade em público. Isso era um tabu. No contexto do *blues*, contudo, podia-se explorar qualquer tema relacionado à sexualidade.

Parece-me que essa questão da sexualidade está ligada à luta do povo negro por liberdade. Por que eu digo isso? Porque, se repararmos nas condições do povo negro imediatamente após a abolição nos EUA (em 1865), percebemos que ele não tinha liberdade econômica. Havia a demanda por “40 acres de terras e uma mula”, mas poucos conseguiram receber os 40 acres de terra. A maioria dos negros não tinha liberdade econômica nem política. Então, no período imediatamente posterior à escravidão, havia três formas através das quais os negros conseguiam ser livres: o direito de ir e vir e deixar as plantações, o direito à educação, pelo qual muitos deram suas próprias vidas, e o direito

⁷ A pesquisa se transformou num dos livros de Angela Davis: *Blues legacies and black feminism: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday*. New York: Pantheon Books, 1998.

de escolher seus parceiros sexuais. Essa liberdade em relação à sexualidade incorpora muitas outras aspirações por liberdades. Já que não se tinha liberdade política nem econômica, havia certo grau de liberdade nas suas vidas sexuais. Quando a gente pega o *slogan* feminista “o pessoal é político” e o analisa à luz da história do povo negro como escravo, percebemos que o *slogan* adquire um significado totalmente diferente.

O *blues* foi a primeira forma artística que emergiu após a abolição. E as mulheres negras dos anos 1920 emergem como cantoras de *blues*, como trabalhadoras, como profissionais, e assim foram gravando músicas. A questão da pesquisa histórica tem muita importância para a nossa luta contemporânea. E nós, acadêmicas e intelectuais, precisamos resgatar essa luta contemporânea por justiça. O grande desafio contemporâneo, nos EUA, é fazer a ligação entre o público e o privado, entre o pessoal e o político, de maneira a estabelecer a relação entre a violência doméstica e a pública.

Durante muitos anos nosso lema foi a unidade negra ou, talvez, o que se chama de solidariedade racial entre homens e mulheres negras. Frequentemente, no entanto, o silêncio das mulheres negras diante da violência doméstica tem prejudicado muito suas próprias vidas. A unidade negra, da maneira como tem sido formulada, protege um companheiro do movimento negro que bate na mulher de responder publicamente por sua atitude, sempre argumentando que “roupa suja se lava em casa”. Nós sabemos que a violência de um parceiro sobre a mulher é tão ruim quanto a violência policial.

As mulheres cantoras de *blues* dos anos 1920 sabiam como falar desses problemas que acontecem nos relacionamentos, e o faziam abertamente. Mesmo considerando que elas não tinham o vocabulário de que dispomos hoje para tratar do aspecto político da violência doméstica, elas nunca esconderam

isso, nunca fingiram que isso não acontecia. E muitas dessas mulheres que cantavam compartilhavam com outras mulheres o fato de que, dentro de uma situação de violência, o que elas deviam fazer é cair fora.

É preciso aprender a estabelecer a relação entre gênero, raça, classe e sexualidade. Nós temos que lutar por saúde física, mental, emocional e espiritual. Sabemos que as mulheres negras estadunidenses têm muito que aprender com as irmãs brasileiras sobre a saúde espiritual. E aprender a reverenciar nossas ancestrais, permitir que elas nos alimentem para que possamos continuar nossa luta. Nós temos que evocar espíritos como o de Aqualtune⁸, o de Beatriz Nascimento⁹ e o nome de Lélia Gonzalez. Para concluir esta parte, vou declamar um poema muito utilizado para inspirar as mulheres negras lá nos EUA:

Eu me levanto.
 Você pode escrever a minha história com o seu amargor e mentiras.
 Você pode me atirar na lama.
 Mas, ainda assim, como poeira, eu me levanto.
 Você acha que a minha sensualidade incomoda?
 Por que você está tão cheio de rancor, tão entristecido e desanimado?
 Porque eu vou caminhar como se eu tivesse poços de petróleo na minha sala de estar.
 Como a lua e o sol, com a certeza das marés e com esperança.
 Pulando bem alto, ainda assim eu me levanto.
 Você quer me ver quebrada e com a cabeça e os olhos baixos,

⁸ Aqualtune Ezgondidu Mahamud da Silva Santos foi uma liderança escrava, provavelmente era uma princesa no Congo, escravizada e trazida para o Brasil. Organizou a fuga do cativeiro do Engenho de Porto Calvo, teria sido uma das organizadoras do Quilombo dos Palmares. É provável mãe de Ganga Zumba e avó de Zumbi.

⁹ Historiadora e ativista negra brasileira, foi assassinada ao defender uma amiga da violência doméstica em 1995.

Com os ombros caídos,
 Com as lágrimas e enfraquecida pelo meu choro.
 A minha dureza ofende você?
 Não fique tomando isso como se fosse uma coisa ruim.
 Porque eu sorrio como se tivesse minas de ouro em meu quintal.
 Você pode me atirar as suas palavras.
 Você pode me cortar com seu olhar.
 Você pode me matar com o seu ódio.
 Mas, ainda assim, como o ar, eu me levanto.
 Minha sensualidade incomoda você?
 Isso vem como surpresa.
 Eu danço como se tivesse diamante no ponto de encontro das minhas
 coxas.
 Fora da vergonha da história eu me levanto bem alto.
 Encontro o passado que está enraizado na dor.
 Eu me levanto. Eu sou um oceano negro
 Indo bem alto e longo, inchando, eu seguro as marés.
 E, deixando de lado as noites de terror e de medo,
 Eu me levanto ao nascer da manhã que é maravilhosamente clara,
 Eu me levanto trazendo os presentes que meus ancestrais me deram,
 Eu sou o sonho e a esperança do escravo,
 Eu me levanto...

A LUTA CONJUNTA POR LIBERDADE

A NAACP foi fundada no início do século XX, nos EUA, para defender os direitos dos negros. Com algumas de suas alas bem conservadoras e outras mais progressistas, não se pode caracterizar a organização como um todo. Recentemente, pela primeira vez na história, uma mulher foi eleita presidenta dessa entidade, e eu penso que isso é importante. Na comunidade negra estadunidense existe um desejo muito forte de fazer parte da luta. A identidade da comunidade negra foi muito construída em cima de marchas e ações do movimento negro. A partir dos anos 1990, porém, não temos mais um movimento negro unificado em torno de uma luta.

A célebre “Marcha de 1 Milhão de Homens”¹⁰ atraiu muitas pessoas com aquele desejo de participar da luta, mas o que sabemos agora é que o movimento dos anos 1960 foi masculinista. Assim como eles conquistaram muitas coisas, tornaram a mulher invisível, representaram a liberdade do negro como a liberdade do macho. Partiam do pressuposto de que, uma vez os homens se reunindo para resolver seus problemas, praticamente todos os problemas da comunidade negra estariam resolvidos. E isso não é verdade. Por outro lado, não havia uma análise política sobre quais eram os problemas dos homens. Os organizadores da Marcha chamaram os homens para ir até Washington (EUA) com o apelo sobre o exame de consciência de cada um e basicamente propunham afirmá-los como chefes de família. Enquanto isso, as mulheres foram solicitadas para ficar em casa e cuidar das crianças. Mas elas não aceitaram esse tipo de proposta. O grande desafio, portanto, é fazer a conexão entre o privado e o público, entre o pessoal e o político, e aceitar a mulher negra como uma parceira igual nessa luta por liberdade. Temos um caminho longo a seguir...

O PAPEL DO ARTISTA E A LUTA POLÍTICA¹¹

Historicamente, nos EUA, tem-se a ideia de que os artistas existem para promover o entretenimento das pessoas. Dessa maneira, perde-se de vista o profundo papel dos artistas, que é colocar uma nova consciência, uma vez que eles têm recursos visuais e performáticos, usam o corpo como forma de expressão artística, enfim, possuem modos

¹⁰ Marcha sobre Washington por trabalho e liberdade, com o Martin Luther King em 28 de agosto de 1963.

¹¹ Tanto esta como as seções seguintes resultaram de perguntas formuladas à autora no debate realizado após a exposição.

de dizer as coisas que o discurso político não dá conta. Quando se fala de uma pessoa que ficou famosa na Europa, por exemplo, isso é importante caso ela seja uma porta-voz da luta contra o racismo.

Essa atitude para o artista brasileiro é importante porque o Brasil encontra, lá fora, a ideia do mito da democracia racial. A tradição oral é muito central na nossa cultura. Mas isso também tem seus próprios problemas e contradições, a exemplo da mercantilização da cultura oral, como acontece com a *black music*¹² nos EUA de hoje. Se isso torna a música disponível no mundo todo, cria, no entanto, certa hegemonia da cultura afro-americana, tornando mais difícil reconhecer a cultura original de cada país da diáspora, especialmente quando se observa o tipo de mensagem que vem através das músicas, principalmente na faixa jovem.

A POLÍTICA DA ESQUERDA E A QUESTÃO RACIAL

As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.

¹² Gênero musical amplo utilizado para definir a música produzida por artistas afro-americanos e que inclui desde a *soul music* ao *Rap*.

COMO AS FEMINISTAS NEGRAS SE RELACIONAM COM AS MULHERES, EM GERAL, E COM AS MULHERES NEGRAS, EM PARTICULAR

O movimento feminista é tão diverso que eu não sei se a gente pode falar de um só feminismo. Nós temos feministas por toda a parte. Temos feministas no Partido Republicano que são bastante conservadoras politicamente. E mesmo dentre as feministas negras é preciso reconhecer a grande diversidade existente. Algumas mulheres negras se referem a si próprias como mulheristas, usando o termo de Alice Walker. Outras são feministas e fazem um trabalho mais prático, por exemplo, contra a violência sexual. Há também feministas negras que são acadêmicas, como Patrícia Hill Collins, que escreveu um livro sobre o pensamento feminista negro. Dentre todos estes tipos, é evidente que elas não concordam necessariamente umas com as outras, já que muitas são as diferenças.

O desafio consiste em saber como trabalhar com as diferenças e contradições. A diferença pode ser uma porta criativa. Nós não precisamos de homogeneidade nem de mesmice. Não precisamos forçar todas as pessoas a concordar com uma determinada forma de pensar. Isso significa que precisamos aprender a respeitar as diferenças de cada forma de pensar, usando todas as diferenças como uma “fagulha criativa”, o que nos auxiliaria a criar pontes de comunicação com pessoas de outros campos. Por exemplo, quando se fala, na Grã-Bretanha, de mulheres negras, está se falando de mulheres asiáticas, caribenhas etc.

A MULHER NEGRA E A QUESTÃO DA SAÚDE

Eu sou membro do projeto nacional de saúde da mulher negra. Tal projeto não se refere apenas à saúde física, mas também diz respeito à saúde mental, emocional e espiritual, procurando ver a saúde de uma maneira holística. O Instituto

Geledés¹³ conhece esse projeto, porque já participou de várias conferências sobre o assunto.

Assim, ao mesmo tempo em que lutamos por um sistema de saúde pública, buscamos criar conceitos para discutir as questões específicas da saúde da mulher negra, que são mais afetadas por diabetes e hipertensão e morrem mais de câncer de colo de útero e de mama que as mulheres brancas.

Há também a questão da autoestima que estamos abordando nesta conferência. E, de certa forma, mesmo algumas de nós que conseguiram chegar a determinado ponto ainda nos sentimos muito mal com a gente mesmo, nos sentimos inferiores. E as mulheres que se sentem assim terão muita dificuldade para ajudar as mais empobrecidas, sobre cujos ombros elas se apoiaram para poder ascender. Nesse projeto nós temos grupos de mulheres que conversam muito sobre os problemas que as estão incomodando.

A GERAÇÃO DE ATIVISTAS DO MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS

A noção dos direitos civis se tornou importante em termos da definição da luta nos anos 1960. Como se pode avaliar politicamente tal situação? A história nos dá capacidade de avaliar o passado a partir do presente. E quando a gente olha para a história, quer sempre enfatizar o que foi mais positivo e nos esquecemos de ver as contradições. Porém, se olhássemos para as contradições ou os problemas, isso nos ajudaria a ir para frente, a avançarmos.

¹³ Sediado em São Paulo (SP), o Geledés – Instituto da Mulher Negra tem como objetivo central combater as diversas formas de discriminação racial. Para maiores informações, ver <http://www.geledes.com.br> (Nota da redação).

O movimento dos Direitos Civis foi muito importante, mas teve um problema em relação ao papel da mulher na luta que não foi reconhecido. As mulheres organizaram o movimento, organizaram o boicote de Montgomery¹⁴ (Alabama) no ano de 1955. E o que todo mundo sabe é o nome do jovem pastor que as mulheres pediram para que agisse como porta-voz do movimento dos Direitos Civis, um homem chamado Martin Luther King Jr¹⁵.

Ninguém sabe o nome das mulheres que fizeram o trabalho organizativo. Na medida em que reverenciamos o Dr. King, devemos ao mesmo tempo criticar o movimento por seu fracasso em reconhecer o papel central que as mulheres desempenharam. Veja um exemplo na imagem de Rosa Lee Parks. Ela é representada como uma mulher que se recusou a dar lugar a um branco no ônibus porque estava cansada. O que geralmente se fala é que ela era uma empregada doméstica que voltava do trabalho e, por conta do seu cansaço, desobedeceu a lei municipal racista do Sul dos EUA. E assim originou o movimento em 1955. Como se ela não soubesse o que estava fazendo.

Mas a verdade é que ela era uma pessoa politicamente consciente, era organizada e sabia exatamente o que estava fazendo. Antes dela, duas outras mulheres já haviam sido presas na mesma circunstância, só que esses dois casos anteriores não tiveram sucesso devido a certas condições legais. Rosa Parks foi

¹⁴ Movimento civil ocorrido no Sul dos Estados Unidos de boicote ao transporte público por conta das leis de segregação racial que reservavam os lugares da frente nos ônibus para os brancos e caso não houvesse lugares, os negros deveriam ficar em pé. Causou inúmeros prejuízos econômicos às empresas e foi parte importante dos movimentos de direitos civis nos Estados Unidos na década de 1950.

¹⁵ Pastor protestante e líder do movimento pelos direitos civis negros nos Estados Unidos. Foi assassinado em 1968.

a terceira tentativa e com sucesso. Isso explica o masculinismo do movimento dos Direitos Civis que a gente deve avaliar e criticar.

Também devemos reconhecer que, após 30 anos, o discurso dos Direitos Civis não tem o mesmo poder. O mesmo discurso utilizado por Luther King para clamar por justiça para todos é hoje usado por conservadores para propor o desmantelamento das ações afirmativas. As recentes iniciativas ocorridas na Califórnia – e que são chamadas de “Iniciativa Californiana pelos Direitos Civis” – visam derrubar conquistas da ação afirmativa sob a alegação de que elas conteriam propostas que discriminam os homens brancos a favor de negros, mulheres e pessoas de cor em geral.

Assim, o mesmo tipo de linguagem utilizada pelo movimento dos Direitos Civis está sendo usado, atualmente, por conservadores para proteger os privilégios dos homens brancos. Todas as conquistas que obtivemos nos convidam a repensar e reconsiderar as possíveis vitórias futuras. Nada está escrito na pedra. O que é progressista, em determinado contexto, pode ser extremamente retrógrado em outro momento da história.

A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA UTOPIA

Nos EUA, alguns de nós da esquerda nos baseamos no tipo de discussão que se fazia no Partido Comunista para ajudar a compreender os nossos projetos. Hoje, não sou mais membro do Partido Comunista. Alguns de nós estavam lutando para democratizá-lo internamente. Éramos da direção e assumimos a luta pela democratização, mas não éramos autorizados a concorrer a cargos eletivos. Não conseguimos e perdemos essa luta. Daí porque, alguns comunistas e outros socialistas, construímos uma nova articulação, uma rede que se chama “Comitê de Correspondência” da era revolucionária nos EUA.

Ainda acredito no socialismo, mesmo considerando que os países socialistas já não existem mais como antes. É preciso ver que o capitalismo ainda está muito desenvolvido. Na verdade, o capitalismo globalizado se insinua na vida das pessoas de uma forma que nunca tinha acontecido antes. Basta ver a economia internacional em termos do turismo sexual e a maneira como as mulheres trabalhadoras são exploradas nas Américas. Agora, as corporações internacionais usam a população negra como o seu porta-voz. Veja o exemplo de Michael Jordan¹⁶ e da Nike, uma empresa que explora os trabalhadores negros dos EUA, da Indonésia e do Vietnã. Nos EUA, nós estamos fazendo uma campanha para boicotar a Nike. Lá temos uma camiseta com o *slogan* “Não faça isso”.

Eu realmente penso que utopia é quando a gente se move em novas direções e visões. Utopia no sentido de que precisamos de visões para nos inspirar e ir para frente. Isso tem que ser global. Precisamos achar um modo de dar conta e saber como vamos interligar nossas lutas e visões e chegar a algumas conclusões sobre como desenvolver novos valores revolucionários e, principalmente, como desatrelar valores capitalistas de valores democráticos.

¹⁶ Jogador de basquete estadunidense, um dos maiores ídolos do esporte.

SOBRE OS AUTORES

Angela Davis (Angela Yvonne Davis) é intelectual e ativista dos direitos civis dos negros e das mulheres. Nascida em 1955, no Alabama, considerado um dos estados mais racistas dos EUA, foi uma das dirigentes do Partido dos Panteras Negras e do Partido Comunista dos Estados Unidos, pelo qual se candidatou a vice-presidência em 1980 e em 1984. Presa em 1971 por ser considerada cúmplice de uma ação armada que culminou em mortes, esperou encarcerada por 18 meses até que sua inocência foi provada, tornando-se uma importante crítica do sistema penitenciário. Ocupa atualmente a Cátedra Presidencial da Universidade da Califórnia no Departamento de Estudos Afroamericanos. Entre seus livros com tradução para o português estão *Mulheres, raça e classe* (edição *on-line* pela Plataforma Gueto, 2013) e *A democracia da abolição: para além do império, das prisões e da tortura* (Rio de Janeiro: Difel, 2009).

Hugo Chávez (Hugo Rafael Chávez Frias), nascido em 1954, foi presidente da Venezuela. Graduado em ciências e artes militares, no ramo de engenharia, seguiu carreira militar até se tornar tenente-coronel. Em 1992, participou da tentativa de deposição do então presidente Carlos Andrés Pérez, que

resultou em sua prisão por dois anos. Com a anistia do novo presidente, Rafael Caldera, foi libertado. Chávez abandonou a vida militar após o episódio e passou a se dedicar à política. Fundou o Movimento da 5ª República e venceu as eleições presidenciais de 1998. No poder, Chávez coordenou a Revolução Bolivariana, adotando medidas anti-imperialistas e anticapitalistas, protagonizando a criação da Unasul e da Alba, além da criação da rede de televisão TeleSUR. Ao longo de seu governo, realizou-se uma importante reforma agrária, empresas de setores estratégicos foram estatizadas e os Conselhos Comunais foram fortalecidos. Sendo reeleito em 2000, 2006 e 2012, passou 14 anos a frente do governo venezuelano. Morreu no ano de 2013.

“Pepe” Mujica (José Mujica Cordano) é agricultor e político do Uruguai. Nascido em 1935, foi eleito deputado por Montevidéu em 1994, senador em 1999, ministro da agricultura a partir de 2005, presidente em 2009 e novamente senador em 2015. Antes e durante a ditadura civil-militar uruguaia, Mujica atuou no Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros, importante grupo marxista de resistência e de guerrilha urbana. Por participar de ações contra o governo, passou 14 anos preso, muitos deles na solitária. Com a restauração da democracia, os tupamaros se estruturaram como um partido legal em 1985, compondo o Movimento de Participação Popular, que integra a Frente Amplio, maior grupo de coalizão governamental. À frente do governo, Mujica promoveu leis progressistas como a da legalização da maconha, o casamento homoafetivo e a legalização do aborto, além de coordenar medidas que reduziram a pobreza no país de 37% para 11%.

Papa Francisco (Jorge Mario Bergoglio) é o atual Papa da Igreja Católica, eleito em 2013 como o primeiro Papa

latino-americano. Argentino, nascido em 1936, fez graduação e mestrado em química, e posteriormente a sua entrada na Companhia de Jesus, se graduou em filosofia e teologia. É tradição da Igreja que os religiosos, ao assumirem o posto de Papa, escolham um nome em função de sua devoção ou, mais atualmente, num programa de pontificado, e pela primeira vez o nome escolhido por Jorge homenageia São Francisco de Assis. A atitude foi interpretada no mundo católico como um indicativo positivo, significando a ênfase das ações da Igreja no amparo aos pobres.